

ILUSTRAÇÃO



As asas gloriosas de Lindbergh pousadas junto à Torre de Belém

(Aguarela de Stuart Corvalhais)

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
— (4.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

De **4** Mulheres há **3**
que escolhem mal a
côr do seu pó de arroz



Especialistas provaram que há 4 côres de pele bem diferentes, necessitando uma côr diferente de pó de arroz. Empregando a côr que convem mais exactamente à pele de 4 mulheres, 3 poderiam facilmente aumentar de 100 % a beleza da sua tez.

No Pó Tokalon a mistura íntima por um processo registado de «mousse de crêmes» (espuma de nata) com o pó micelar mais leve dá quatro finos coloridos que se harmonizam realmente com a côr natural da pele. O Pó Tokalon Rachel convém à maior parte das mulheres, incluindo algumas morenas. As mulheres com pele de loura acham que o Naturelle (Natural) dá um ótimo resultado. O Blanche (Branco) é frequentemente o tom que mais apreciam as que têm cabelo castanho e uma tez de lírio. O Rose convém a muitas louras assim como a algumas morenas de olhos azuis. Numerosas mulheres conseguem um magnífico e original colorido misturando as côres Rachel e Rose.

O Pó Tokalon é o único pó que se segura durante todo o dia, ou toda a noite, seja dentro de casa, seja ao ar livre, apesar do vento, da chuva e da transpiração. A «mousse de crêmes» fá-lo aderir tão intimamente e percebe-se tão pouco que pessoa nenhuma poderia imaginar que a esplendida côr obtida não é o enanto proprio e natural de V. Ex.ª

Os pós compactos Tokalon contêm actualmente «mousse de crêmes». O Pó e o «Rouge» são ambos muito aderentes. E' coisa nova, diferente e melhor.

GRATIS - Por combinação especial com os representantes, toda a leitora desta revista pode obter este mês um novo Coffret de Beleza de Luxo contendo uma caixa de Pó Tokalon, pó de arroz de «mousse de crêmes», (indicar a côr desejado), amostras das 4 côres de pó em voga, para ensaia-las no seu rosto, assim como um tubo de Crème Tokalon, Blocol, Alimento para a pele, Cór de Rosa, a usar de noite antes de deitar e um tubo de Crème Tokalon, Cór Branca, (fundo gorduroso) para de dia. Enviar quatro escudos em selos para gastos de alfândega, porte e registo (o Coffret é grátis) directamente para o Depósito (Secção I. L. I). E' conveniente não demorar porque a quantidade de Coffrets disponíveis é limitada.

VENDA NAS PERFUMARIAS E FARMACIAS

Não encontrando na vossa terra pôde escrever ao DEPOSITO TOKALON de LISBOA - 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS

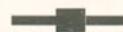
DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

- Algebra Elementar, 1 vol. enc. 13\$00
- Aritmética Prática, 1 vol. enc. 13\$00
- Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. . . 12\$00
- Elementos de Química, 1 vol. enc. 14\$00
- Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. 12\$00
- Elementos de História de Arte, 1 vol. enc. . 25\$00
- Física Elementar, 1 vol. enc. 14\$00
- Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. . 14\$00
- O livro de Português, 1 vol. enc. 12\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2ª edição), 1 vol. enc 13\$00; br. . . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcoy (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança a'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança a'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança a'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

Mudança a'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu extraordinário valor está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO **Dr. A. LORAND**

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslováquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Itália, Suécia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidéa, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidéa sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre cronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a êle.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insomia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexual. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

I volume de 244 páginas Esc. 10\$00
Pelo correio á cobrança Esc. 12\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automovéis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Taveira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



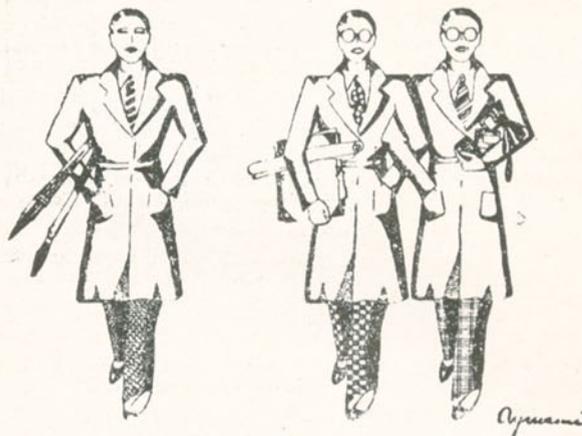
Uma depressão, um mal-estar desaparecem quasi instantaneamente, tomando-se dois comprimidos de Cafiaspirina. São absolutamente inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina



GRAVADORE/

IMPRESSORES/



TELEFONE
2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro duma das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 15\$00



Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
L I S B O A

A Espanha não ficou em casa a tremer maleitas, como repetidas vezes fez Portugal nos instantes similares. Saíu á rua cheia de brio a manifestar a sua vontade soberana que vinha a ser o repúdio formal do regabofe sanguíneo com que durante trinta meses a atormentaram. Foi um gesto nítido, severo, como o de quem manda pôr fora de casa o mal educado que não soube guardar a postura devida.

O acto tem muito que admirar sobretudo pelo que revela de consciência cívica, vigor, discernimento no povo geralmente visto como dos menos capazes de tal atitude. Nos ingleses, americanos, alemães, escandinavos, franceses consideram-se vulgares, dentro da normalidade, procedimentos desta ordem, traduzidos por aquele processo.

O espanhol classificava-se na infância da nobre arte de exprimir a vontade colectiva.

Fica pois provado o erro de tal conceito. O visinho sabe como os melhores dizer o que quer. O seu sentimento social desenvolveu-se, a sua maioridade política é um facto que acaba de demonstrar plenamente.

Já o abandono da monarquia, na hora em que a reconheceu incompetente, poderia assinalar um estado de espírito até então desconhecido. As últimas experiências do rei haviam denunciado a sua falta de folego para acompanhar a marcha da nação e satisfazer-lhe o anseio de ressurgimento. Foi-lhe então comunicado o voto de que deveria desalojar-se.

Desocupado o lugar vieram uns desconhecidos que pronto revelaram a mínima de inteligência para entender a situação e desempenhar o serviço que se lhes confiara. Supuzeram-se investidos na missão de quebrar, queimar, inverter quanto existia. O ferro, o fogo e o sangue constituíram os elementos da sua escolha para produzirem a desordem, o tumulto a morte que tomaram como objectivo de mandato recebido. Atribuíram êsse significado á palavra República. E o povo, o imenso, o quasi tódo, no íntimo do seu pensar decidiu que República não era nada do que propalava a fracção mínima de desorientados que pretendia dirigir uma grande massa humana sem ter primeiro alcançado o sentido da sua fisionomia moral, do seu caracter fixado em milénios de existência livre. Represou o juízo enquanto não achou oportunidade

CRÓNICA DA QUINZENA

para manifestá-lo. Aparecido o ensejo foi o que se viu. Num movimento de alegria e entusiasmo a população, possuída pela alma da raça, a eterna que não se submete á retórica dos charlatães, exprimiu a ordem de cessar o tumulto. Basta de ruído, de confusão, de receitas de felicidade escritas por curandeiros que consideram o sangue como a melhor tinta, bradaram os velhos sisudos, os moços decididos e as raparigas sorridentes, de braço estendido sôbre a urna.

Foi um acto heróico com tóda a aparência de festa, particularmente o desempenhado nas últimas eleições pela mulher espanhola, talvez a grande animadora do civismo, a dignificadora do sufrágio. Quem sabe se não foi ela que defendeu a honra nacional e restituiu a dignidade a um princípio que os homens haviam conspurcado?

Vamos agora ver se os eleitos correspondem ao voto e sabem entender com honra o mandato recebido.

Aparecerão da direita, apenas vestidos de outra côr, charlatães identicos aos da esquerda? Aguarda-os a mesma sorte se assim suceder. E então, quando se verificar, só haverá que bemdizer a santa invenção do sufrágio que dêsse modo se manifesta o mais salutar unguento para curar chagas sociais.

Caíu mais um govêrno em França, o que passou a constituir mensalidade política naquele país, como sucede com as chacinhas em Cuba.

Metade do mês leva o presidente a fabricar um ministério, a outra metade leva-a o parlamento a fazê-lo em estilhas. Dêste modo a França vê-se obrigada a andar por si, sósinha, sem auxilio de conductor auctorizado, seis meses em cada ano. Assim fixado, ou o presidente, apênas concluído um ministério, começa a preparar outro, ou se reconhece que quem vive metade, também é capaz de

se aguentar o resto do ano sem ministério formado.

Nesta última hipótese o parlamento que revela a competência única, e capacidade exclusiva de destruir ministérios ficaria sem função e teria de desaparecer, por determinismo biológico que suprime os órgãos inúteis em todos os seres vivos. E tanto assim que já naquele país se discute a probabilidade de enfrentar a contingência.

Vozes inúmeras alvitram que em futuro não remoto haverá que contar com a supressão daquela máquina de destruir presidentes de conselho. O mais curioso é sêrem essas vozes de volume fóra do comum.

Trata-se das que representam público vasto. Os colectores de opinião com palavra nitida ou velada clamam pelo varão fórtre, capaz de restituir á França a unidade de acção que há muito lhe falta. Quer dizer, pensam e exprimem o desejo de restaurar uma autoridade segura que não tombe ao sôpro de dusia e meia de guélas anciosas por qualquer cibo não confesso.

No fundo devem ser desabafos. Falam na coisa nebulosa muitos órgãos de publicidade como "Le Temps", "Figaro", "Le Journal", "Excelsior", etc., um extenso etc. Não quer dizer nada.

A França já fez a sua ditadura com Clemenceau e Poincaré. Por mais que se confranja não produzirá outras melhores nem maiores, porque cada país têm a sua maneira de fazer ditaduras, como cada pessoa têm a sua maneira de ajeitar o chapéu.

A Rússia fê-la com crueldade, a Alemanha com violência, a Itália com entusiasmo, a Turquia com lé, a França têm de fazê-la com medida, assim como Portugal têm de empregar o seu feito sorumbático, a tristesa própria da raça.

Admitir em Paris um poder como o de Moscovo, de Berlim, de Roma, ou de Lisboa não é possível.

Cada raça reage á vacina ditatorial de seu modo. Têm-se a impressão de que o genio francez se revelará imune por mais que o piquem.

Mais um Poincaré se o acharem, talvez. Um Staline, um Hitler, um Mussolini não. Teve os Bonapartes noutra idade.

Agora está madura de mais para aceitar êsse regimen que requer um viço de mocidade nela extinto, perdido, para não mais voltar.

Samuel Maia.

Recorda-se o jornalista Afonso de Bragança que morreu há onze anos...



Palavra d'houora q.
sou eu!

(Auto-caricatura de Afonso de Bragança.)

Já lá vão onze anos que morreu Afonso de Bragança —fê-los há dias— e parece que ainda o estamos a vêr à porta da Brasileira, no Chiado— a «capital de Lisboa» no seu dizer— com aquele ar irónico, sorriso sempre entre os lábios, monóculo na órbita, hirtó, muito hirtó, mãos nas algibeiras e aspecto aparentemente desdenhoso. Com êle, quasi desapareceu o jornalismo feito de espírito, de espuma, de «quasi-nada», o jornalismo do «suelto» humorístico... Quando da sua morte, um nosso colega disse que «Afonso de Bragança era o espírito mais luminoso e heróico do jornalismo português dos nossos tempos». Ainda não se fêz na imprensa a homenagem a que a sua memória tinha jus.

Sabia de tudo dentro de um jornal. Foi revisor, repórter ousado, cronista, panfletário e jornalista político, num momento difícil da vida portuguesa... Recordar o seu nome, onze anos após êle ter falecido, é viver os seus escritos, é olhar para trás, para aquele tempo que não volta... A febre que foi a sua vida que transparece em todos os seus artigos, febre da tuberculose que o vitimou, fêz da sua pena um estilete com que fazia «ablaque» até da própria desgraça em que viveu os últimos anos da sua existência. Tinha amor pela profissão que exercia. Um amor romântico, um amor como hoje já se não usa... Era um idealista. Passou a vida a sorrir. Nada tomou a sério. Nem a própria doença respeitou...

O seu bom-humor fêz-lhe olhar a vida sempre com olhos bons. Se muito vivesse seria sempre, estamos certos disso, moço o seu espírito, moça a sua «verve»... Aos conselhos que lhe davam, de arripiar caminho na existência que levava, de se dedicar mais ao trabalho, de se integrar um pouco mais na vida, respondia invariavelmente:

—Estou farto de conselhos. Calem-se. Que maçada! Ora eu não tenho casas luxuosas, eu não tenho belos jatos, não tenho banquetes opíparos, não tenho dinheiro, não tenho mulheres—tenho apenas a minha preguiça—deixem-me com ela, com mil diabos!

Afonso de Bragança na curta dezena de anos em que atravessou o jornalismo, deixou uma obra que devia estar coligida e publicada. Tal ainda se não fêz. As suas crónicas—que ficaram peraiadas pelas colunas dos jornais «Pátria», «Diário da Tarde», «Situações», «A Cidade», do Pôrto, e «Diário de Lisboa»—deviam ser reunidas para que melhor se avaliasse do seu valor. Edita-se tanta coisa má...

O jornalista merecia-o e o poeta que foi também. Guardamos dêle o desenho que acompanha esta página. Foi feito à mesa da redacção, no próprio papel ordinário onde sempre escreveu os seus artigos... A gratidão à memória de Afonso de Bragança levou-nos a recordar uma sua crónica—escrita nervosamente em menos de meia hora, numa

tarde em que o jornal onde trabalhavamos, necessitava de um artigo para encher... Escreveu o que o leitor vai ler, sem uma hesitação, sem uma emenda, sem quasi levantar a caneta do papel... Não é das mais felizes que saíram dasua pena, mas tem o merecimento de ser um pouco do seu sentir íntimo, desde que do Pôrto desceu até Lisboa para tentar o jornalismo...

Quando se fizer a história da imprensa portuguesa, de há trinta anos a esta parte, o nome de Afonso de Bragança, ficará gravado—temos disso a certeza—ao lado dos nossos melhores escritores. Nesta estrada larga que é o jornalismo, fêz-nos bem conviver com êle. E ensinou-nos a sorrir sempre, ainda que nos momentos mais difíceis da vida... E, realmente, valerá a pena tomar a vida a sério?—A. de A.

Eu sou provinciano. Quando cheguei a Lisboa, gostei do Rossio. Ainda os SS não tinham transitado do mosaico para o nome. Cheguei à noite. A praça palpitava sob as pinceladas lívidas da electricidade. Gostei dela, mas tive-lhe medo. Era, para mim, como uma cocotte, impúdica, mas muito chic, da alta...

Morei no Bairro Alto, e tive verdadeira amor àquela Triana lusiada.

Morava num 3.º andar, —lindo!... A rua vibrava tôda em amarelos, vermelhos, azuis—mais os verdes das varandas de pau, a cal das paredes e das rou-

pas, e a ôca do brouhaha pintalgado de pregões.

No 1.º andar morava uma mulher. Amei-a, como se ama a primeira vizinha bonita da nossa vida. Ficou inquietina, até hoje, do meu coração. Já a tenho procurado. Mas nunca mais a vi. Se a vir não a conheço. Amei um escôrço. Estava habituado a vê-la de cima para baixo...

Tinha ódio ao Chiado. Para ir para casa, tomava o elevador da Glória. A Glória! —o que eu vinha conquistar!... Ingnuamente eu desconhecia que o elevador da Glória, em Lisboa, é o Chiado.

Gostava muito do elevador—porque era indolente e afectivo. Gostava de tôda a gente que ia comigo, no carro. Havia raparigas novas, de lindas côres. Ao fim de pouco tempo percebi que eram pintadas—e fugi. Passei para o Chiado, onde as mulheres se pintam muito melhor. Hoje mesmo, só sei que elas se pintam, porque não são pálidas. Pensei então, que o Deus da capital era daltónico e dêra muito pouca côr à vida.

Tive, como tôda a gente, a paixão pelo Chiado. É uma doença que estraga todos os sentidos. Viciiei tôda a minha visão. Fiz das mulheres um motivo decorativo. Investi a futilidade em filosofia,—em moral e em estética. Achava que a vida era um caso da rua. O homem um transeunte. O paralelepipedo pareceu-me a forma eleita da natureza.

Amei a cidade—e o Chiado é a capital de Lisboa.

Fugi um dia para o mar, que o Richepin cantou e que Mirbeau me disse curar tôdas as paixões.

Encontrei um pobre mar mazorrão e glauco, que dizia vacuidades ao meu spleen, monotonó, velho—conselheiro Acácio da natureza.

Eu odiava tôda a fôrça, tudo o que fôsse amplidão—e adorava a água en-canada.

Quís gostar das Avenidas-Novas, mas nunca pude vêr nelas mais do que casas. Quando me lembro do meu rez-do-chão, vejo-o sempre pelo meu lado de fóra. As mulheres faziam parte das janelas. Pareciam vasos de mangericos. Havia um silêncio, um silêncio que não se ouvia, o silêncio de quem não tem nada que dizer.

Algumas pessoas namoravam, gargarejavam. Mas gargarejam a sêco. Casavam—por sinais.

A rua onde moro é plebea, e o ruído é constante. Ouço tudo. Conheço as horas pelas vozes. Ao meio dia são agudas, têm sol. Ao entardecer são arrastadas, dori-das... e ouço a voz das mãis a chamar pelos filhos.

Na minha rua eu sou um intruso. Sabem todos quem sou e coscuvilham de mim.

Não passo por ela—fujo. Tenho sempre a impressão de que vou ser vaiado.

Para a minha rua sou um homem do Chiado. Saio dela com um banho de humildade. No Chiado sinto-me um homem da minha rua.

Afonso de Bragança.

COM o dia primeiro de Dezembro comemora-se em Portugal uma

das datas mais significativas da nossa história.

Há 293 anos — quasi três séculos! — um grupo de conjurados preparava-se, ao amanhecer dum dia que a tradição diz ter sido radioso, para varrer corajosamente a dominação estrangeira que há 60 anos pesava sobre Portugal.

A corôa do reino português — já o tinham decidido. — seria cingida pelo chefe da Casa de Bragança que a história havia de conhecer com o título de D. João IV.

Assim o queriam os conjurados e assim o queria o povo que via nêsse fidalgo ilustre o restaurador da autonomia da pátria.

Para circunscrever em torno de D. João IV as aspirações da independência do nosso povo que, nem por um momento nêsse período obscuro da usurpação, deixaram de palpar com veemência, as mais singulares forças de propaganda entraram em jogo.

Dum lado estavam os jesuitas, a quem muito interessava a restauração do trôno português com o seu imenso poder de persuasão; do outro, as profecias, habilmente adoptadas à sugestão, e suggestionando profundamente as massas populares. Corriam de bôca em bôca as poesias proféticas de Bandarra a quem se attribuía ter escrito

O seu nome é D. Joam

indicando assim claramente, o nome do futuro monarca português.

Ainda vivia, porém, no animo de muitos portugueses a lenda sebastianista, substanciação do seu anseio de independência. E ao subir ao trôno, D. João IV teve de transigir com os fieis vassallos do "Desejado", prometendo solenemente que se D. Sebastião regressasse a Portugal lhe entregaria sem relutância o céptro.

Tudo se conjugava pois para que 1640 fôsse o termo do captivo em que a nação se debatia. E assim aconteceu. De facto, por virtude da corajosa decisão dos conjurados.

D. João IV, que alguns historiadores, apresentam, injustamente como um irresoluto, soube cumprir nobremente o seu dever de chefe eleito por um povo sequioso de autonomia. A sua prudên-

HA QUASI TRÊS SÉCULOS...

A RESTAURAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA E O MONUMENTO QUE CONSAGRA ESSA DATA HISTÓRICA

cia, virtude que assinalou tôdos os actos do seu reinado de dezesseis anos, foi muitas vezes tomado à conta de irresoluto. Não era, afinal, assim. O novo monarca português, não tendo embora a vontade inérgica dum Mestre de Aviz, sabia contudo assumir as responsabilidades que lhe eram impostas.

Por isso, quando o movimento redentor do 1.º de Dezembro soou, foi sem hesitação que assumiu o Poder. E bem graves eram, sem dúvida, as circunstâncias em que o fazia.

D. João IV não ignorava que a Espanha ia disputar rijamente o Poder que lhe era arrebatado. Para resistir ao inimigo, Portugal estava despojado de tudo. Não tinha dinheiro, nem armas, nem navios. Exército não existia. Como a fuga dos hespanhois que ocupavam os cargos de confiança ante a sublevação popular, a administração pública desorganizava-se.

Por outro lado, a Espanha era uma potencia poderosa que dispunha para reprimir a insubmissão portuguesa dum Exército forte e adestrado.

Foi pois num momento de excepcional gravidade que D. João IV tomou as rédeas do govêrno, iniciando uma nova dinastia na monarquia portuguesa. Soubera esperar, com prudência, a oportunidade. Chegada a ocasião não hesitou.

Logo a 15 dêsse mesmo mês se fez coroar rei, revestindo essa solenidade grande pompa.

Correu por todo o país

um grande frémito de esperança. Portugal despertava do seu torpor e organizava a sua defesa que, sob a direcção do conde de Castelo Melhor se cobriu de glória durante a longa guerra da Independência.

Tôdas as tentativas do monarca espanhol para recuperar o trono perdido vieram quebrar-se de encontro à nobre e obstinada resistência dos portugueses. E a 13 de Fevereiro de 1868, falecido já D. João IV, a independência sagrada do solo pátrio era reconhecida num tratado de paz entre Portugal e Espanha que rezava assim:

"Primeiramente, declaram os Senhores Reis Catholico & de Portugal que pelo presente tratado fazem & estabelecem em seus nomes, de suas Coroas & de seus Vassallos, hua Paz perpetua, boa, firme & inviolavel."

Para comemorar esta data gloriosa erigiu-se em 1882 o monumento da Praça dos Restauradores, para o qual se lançou sete anos antes a primeira pedra. Mede cêrca de 30 metros de altura. Custou pouco mais de 55 contos, quantia considerável para a época, a maior parte da qual, 39 contos, foi obtida por subscrição entre os portugueses residentes no Brasil.

Duas estátuas ornaram o pedestal do monumento, que é encimado por um obelisco. A que faz face à Rua Primeiro de Dezembro é a do génio da Independência, da autoria do escultor Alberto Nunes. A outra, que fica voltada para a Avenida é a da Vitória e é devida a Simões de Almeida. Na nobre simplicidade das suas linhas, êste monumento evoca

dignamente uma data e um punhado de homens decididos que deram realidade á impercível ânsia de liberdade dum povo.

Um documento histórico: Aspecto da inauguração do monumento dos Restauradores em 7 de dezembro de 1889, a que assistiu, da tribuna, o rei D. Luiz



NINGUÉM medianamente culto ignora os favores devidos pelas Belas Artes francesas à favorita de Luis XV. Mas, são quasi desconhecidos da grande maioria, os seus méritos reais de comediante, à margem da alta comédia humana que a Pompadour representou também à maravilha.

Durante vinte anos, árbitra suprema do gosto e da moda, o seu nome ainda hoje se mantém na classificação dum estilo.

O embelezamento de Paris, a sua Escola Militar, as fábricas de Sévres devem-lhe o notabilíssimo impulso animador e vitalisante. E se as suas prodigalidades, e a sua cupidez insaciável concorrem para convulcionar o mar, onde mais tarde naufragaram a realeza e a aristocracia, à história cumpre registar a virtualidade assombrosa do seu talento artístico dos mais diversos cambiantes, a protecção dispensada às letras e às artes.

A sua feminilidade toucada de graças múltiplas deu-lhe o predomínio espiritual do rei, mesmo no declínio dos poderes da sua formosura física. Joana Antonieta Poisson, mais tarde Madame d'Étioles e depois Marquesa de Pompadour, realizou em absoluto as predições de M.^{me} Lebon, a sagacíssima nigromante em moda nessa época, tornando-se dominadora do rei, da côrte e da política francesa.

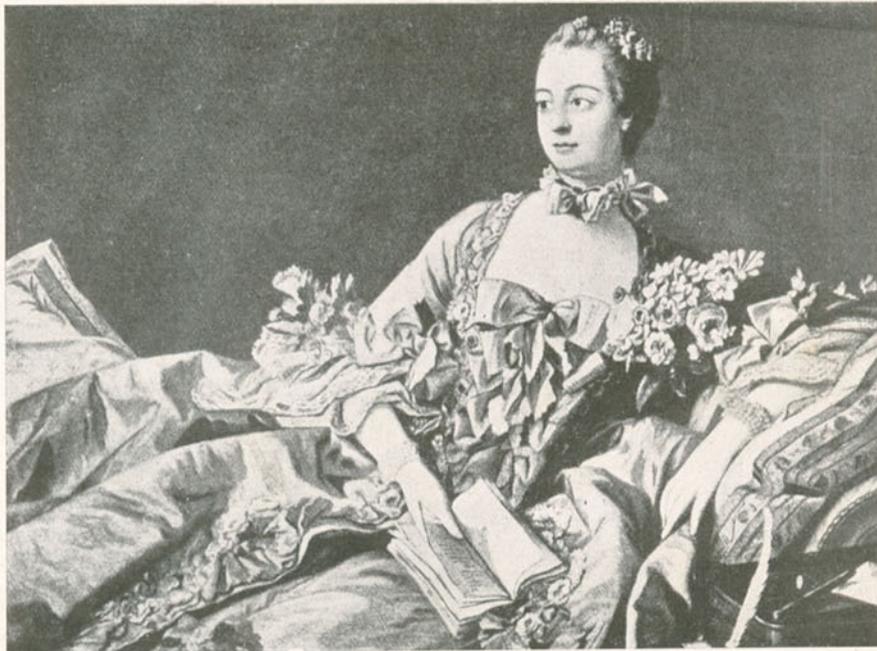
Cultora habilíssima do desenho, da gravura, da música, da dança, artista subtil na arte de dizer e cantora de magníficos recursos, o teatro fascinou-a.

Quando eficazmente secundada por Nivernais, Durás e Richelieu, obteve a aquiescência de Luis XV, para criar um teatro na côrte, a certeza dos seus êxitos cénicos sorriu-lhe como um triunfo a mais, para engrinaldar o seu carro de conquistadora. Dotada de energia inquebrantável, as suas decisões eram prontas.

Obtido o consentimento real, a Marquesa — excelente organizadora — acolitada pelos seus colaboradores, desenvolve prodigiosa actividade. Numa das galerias do palácio de Versalhes, em breve surge como por encanto um pequenino teatro.

Formados os grupos de declamação e de canto e dança, entrega a direcção a Dupré — esta vigiada e orientada por Bary, actor de comédia italiana.

Cativa a estima das damas, ao elaborar o regulamento, reservando-lhes atenções especiais. A orquestra, honorificada solenemente com o título de *Orquestra Ilustre*, compõe-se de alguns dos primeiros nomes da aristocracia — tal como os grupos restantes.



A Marquesa de Pompadour actriz

Sete *costureiros* de ambos os sexos convertem-se em criadores de milagrosas opolências de indumentária dum requinte nunca visto. Cuidados semelhantes merecem o calçado, as cabeleiras, os outros acessórios indispensáveis à beleza ou á estética das representações.

Em 17 de Janeiro de 1747 inaugura-se



(Desenho de Tom)

o teatro com a representação do Tartufo. Récita íntima à qual assistem apenas o rei e a côrte. O êxito é completo. A Marquesa vivêra admiravelmente o papel de Lisette.

Em 30 de Dezembro do mesmo ano sobe à cena o "Filho Pródigo" de Voltaire, em que a Marquesa também toma parte, a pedido do autor que lhe agradece nesta quadra lição e sensabor:

"Ainsi donc, vous réu-
[nissiez
tous les arts, tous les dons
[de plaire,
Pompadour, vous embel-
[lissiez
la Cour, le Parnasse et Ci-
[thère".

Mas a consagração definitiva do talento cénico da Marquesa foi no inverno de 1748.

Representava-se a pastoral heróica de Frederico Händel.

Na sala de pequenas dimensões predominam os tons azuis e doirados, resplandecem cristais e luzes, fosforescem as cintilações das jóias em colos das donas, vestidas em competência de galas, em primores de bom gosto.

O aspecto geral do conjunto mais se afigura deslumbrante maravilha dum conto de fadas, do que realidade. As decorações do palco, as pinturas murais e dos tectos completam a sumptuosidade do ambiente.

A Marquesa de Pompadour representa e canta a parte da Galatea.

Nunca a mitológica filha de Nereu e de Doris encarnou em beleza mais sedutora, foi donatária de graça mais estonteante! Veste com elegância e donaire saia ampla de tafetá branco, ornado de *motivos* marinhos e bordados a prata.

Aperta-lhe o busto um corpete côr de rosa, enfeitado de gase prateada. Fios de pérolas verdadeiras serpenteiam no seu colo, ondulam-lhe sôbre os seios, enroscam-se-lhe nos braços. Arrasta manto vaporoso e riquíssimo, listrado de verde.

Nos cabelos relampejam diamantes.

Fulguram as facetas peregrinas do seu talento artístico. Empolgam as graças divinas do seu corpo de deusa. A sala freme e vibra em admiração veemente. O rei não consegue dominar o entusiasmo. No fim do espectáculo, apesar de ter junto de si a rainha, exclama em tom de voz ouvido por toda a côrte: "Marquesa, sois a mulher mais encantadora da França!"

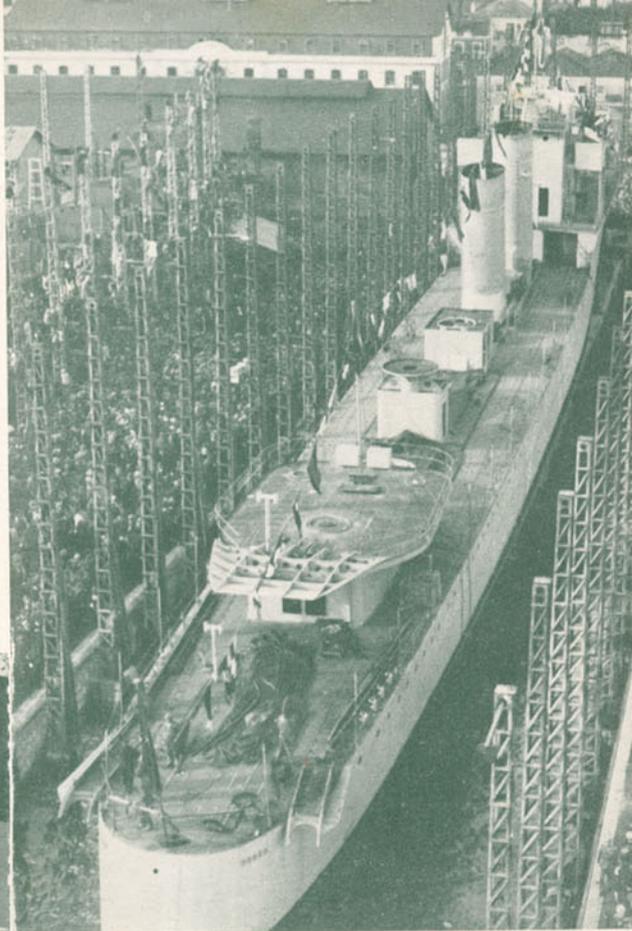
Dos olhos de Maria Leczinska, rainha da França, suavemente deslisam duas lágrimas doloridas, mais brilhantes talvez do que as pérolas magas da favorita.

Emília de Sousa Costa.

O lançamento à água do novo contra-torpedeiro "Douro" que foi construído em estaleiros portugueses

PERANTE uma assistência de alguns milhares de pessoas, com a presença dos membros do governo, ministro de França, representantes diplomáticos, altas patentes do Exército e da Armada e funcionários superiores, o sr. presidente da República deu o impulso inicial ao novo contra-torpedeiro «Douro», que foi construído inteiramente nos estaleiros da Sociedade de Construções Navais. A cerimónia revestiu-se dum carácter imponente. A multidão, logo que o «Douro» começou deslizando serenamente para o rio, irrompeu em vivas, saudando o novo barco de guerra português. À volta dos estaleiros, no Tejo, inúmeras traineiras, rebocadores e barcos de recreio fizeram soar as suas sireias. O sr. general Carmona conservou-se em sentido até o «Douro» entrar todo na água. Dois rebocadores lançaram cabos ao novo vaso de guerra e levaram-no até ao Terreiro do Paço. Depois duma volta pelo rio fizeram-no atracar perto dos estaleiros.

O novo contra-torpedeiro «Douro» tem as mesmas características do «Tejo». Mede 98 metros, desloca 1.621 toneladas, tem uma potência de 33.000 cavalos e atingirá a velocidade de 36 nós. Na sua construção trabalharam cerca de mil operários portugueses.

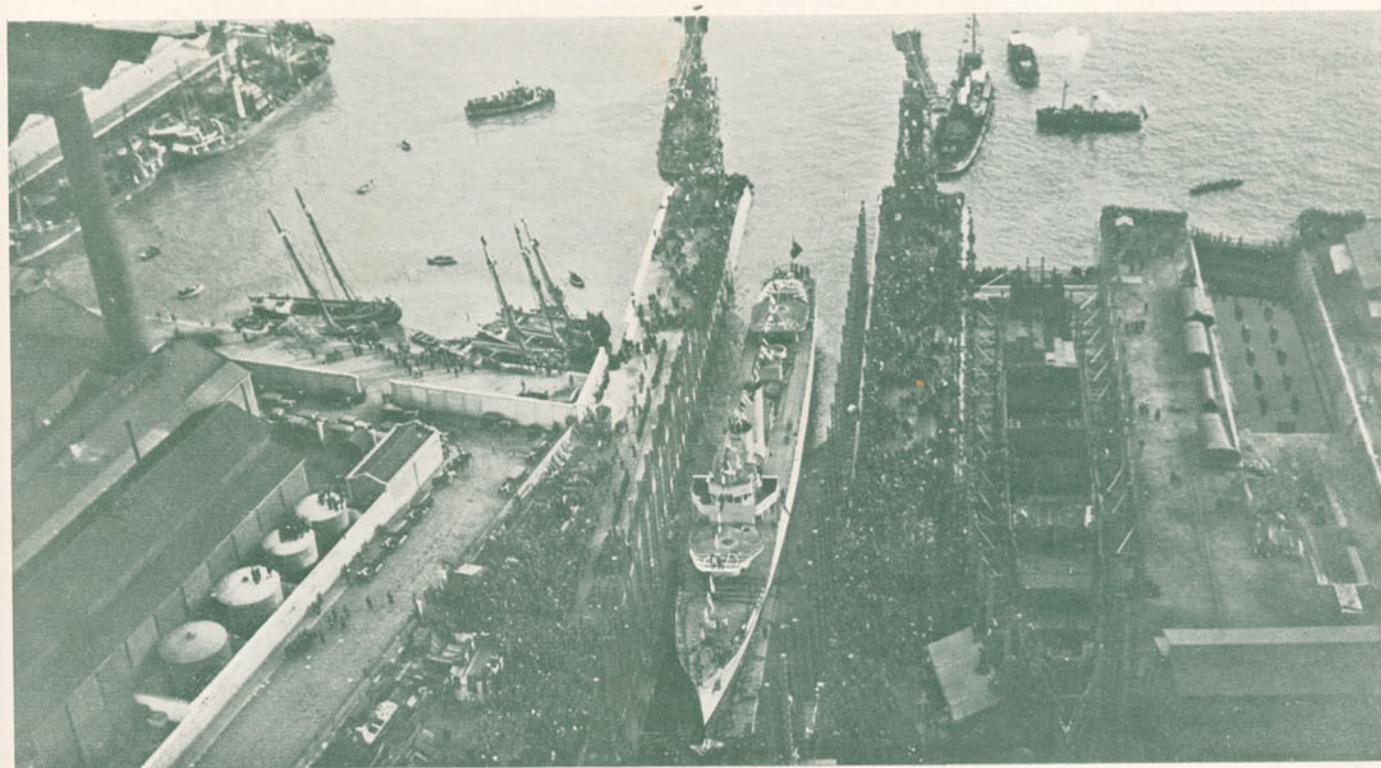


EM CIMA: O novo contra-torpedeiro «Douro» antes de entrar na água, visto do alto dum dos guindastes



AO LADO: O chefe do Estado, dando uma pancada no aparelho que sustentava a garrafa de Vinho do Porto, que se quebrou de encontro ao «Douro» segundos depois

EM BAIXO: Momento solene do novo vaso de guerra entrar na água, visto do ar. (Fotografia do major Pinheiro Correia, comandante do Grupo de Bombardeamento de Alverca, amavelmente cedida à Ilustração)





PROSSEGUIMOS hoje a transcrição iniciada no último número do curioso artigo publicado sob o pseudônimo de Coronel Brat, e em que se exprime toda a tranquilidade da França ante o perigo, que não pode ser desprezado, duma agressão alemã por via aérea. Para alcançar os seus fins, essa agressão deveria ser dirigida sobre o próprio coração do país, centro da vontade francesa. Mas para o conseguir seria necessário às esquadilhas inimigas transpôr numerosos obstáculos que a defesa francesa não deixaria de lhe opôr.

Nas linhas que se seguem, pretende demonstrar-se a eficácia desses meios de defesa e as probabilidades que o ataque teria de ser repellido. Escritas num estilo lacónico, que mais aumenta o seu empolgante interesse, elas descrevem as fases movimentadas dum avanço de aviões alemães sobre terri-

A GUERRA AEREA

A resposta serena da França às afirmações de Von Helder no livro "A destruição de Paris em 1936"

tório francês a que a artilharia anti-aérea e os aviões de caça opõem uma enérgica barreira.

NUMA ampla sala, à volta da mesa coberta de mapas e papeis, encontra-se agrupado o estado-maior da defesa aérea do território: o general-governador militar de Paris, um comandante de aviação, um capitão de fragata, um comandante de artilharia e o oficial de serviço.

Subitamente—às quatro horas—soou uma voz breve no alto-falante da T. S. F.

«De Maubeuge, os postos de vigilância assinalam ruídos de motores de aviões que iam para o sul».

Todos os olhares incidem no mapa estendido sobre a mesa. Maubeuge!... Foi atravessada a fronte-

teira. O brusco ataque sobre Paris está pois desencadeado? E no mesmo instante, a mesma comunicação é transmitida a todos os comandos das unidades de defesa, ao comando do Bourge!, aos centros dos balões captivos e a todos os comandos dos pontos vulneráveis.

Numa rua, um ferro-velho examina qualquer objecto: por cima da sua cabeça, subitamente, a lampada eléctrica apaga-se e na madrugada cinzenta o velho trapeiro pouco vê. Isto não representa grande cousa, apenas uma lampada que se apaga todavia o facto significa que todo o sector de Saxe acaba de interromper a corrente das suas 45 fábricas, ao mesmo tempo que os sectores de Wagram, Norte e Roquette E, bruscamente, de todos os lados eleva-se a voz monotona e gigantesca dos altos-falantes, voz que se multiplica e, durante dois longos minutos, repete as palavras. «Alerta! Tóda a gente para os abrigos!»

As sereias juntam a estes gritos os seus rugidos trágicos, enquanto os agentes motociclistas desfilam

damente, Paris desce a abrigo-se debaixo da terra.

Como se fosse tocada por uma varinha de condão a capital tornou-se silenciosa e deserta.

São 4 horas e 15. Num abrigo do «boulevard» Maiesherbes, estão reunidas 150 pessoas a 13 metros abaixo da terra.

De subito, ouve-se um sussuro. É o auto-falante instalado pela prefeitura da polícia em todos os abrigos oficiais. Do seu gabinete do Ministério da Guerra, o presidente do Conselho segue as fases do ataque e comunica-as ao país:

4 h. 30—O alarme foi dado às quatro horas às populações das cidades entre a fronteira norte e Paris anunciando a passagem, por cima de Maubeuge, duma esquadilha de aviões alemães.

Dêste modo a Alemanha pratica contra nós uma agressão injustificada, e sem declaração de guerra! Não o queremos acreditar. É, porém, facto consumado. Apresso-me a declarar que o seu malogro é certo, porque um govêrno avisado, quando o país tem tais vizinhos, está sempre pronto a enfrentar tôdas as situações. Estamos preparados. Eis as primeiras notícias: Graças ao tiro preciso foram derrubados alguns aviões; o resto da formação ganhou altura e dispersa. Estaremos ao corrente dos acontecimentos pelos 600 centros de informação colocados até à fronteira. Se como é presumível, o inimigo seguir os vales da Mosa e do Oise, êsses aviões terão de transportar oito linhas de barragens.

4 h. 35—Uma segunda esquadilha é assinalada às 4 h. 15 marchando na esteira da primeira, enquanto uma terceira formação, que parece tão importante como as duas primeiras, passa por cima de Avesnes, às 4 h. 30.

«Parece que o inimigo previra três ataques sucessivos a Paris, a um quarto de hora de intervalo, com formações constituídas, verosimilmente, de 70 a 80 aviões cada uma.

4 h. 40—A título de informação saiba-se que os aviões inimigos, tanto por virtude da carga como das dificuldades criadas pela nossa defesa, não poderão estar em Paris antes de uma hora, pelo menos.

4 h. 45—Não há dúvida de que as nossas baterias anti aéreas graças aos seus dispositivos de pontaria e de tiro aperfeiçoados, dispersaram já as formações inimigas. O centro de formação de Cateau diz-nos, com efeito, que há uma certa hesitação nos agrupamentos que acabam de voar por cima dêle.

4 h. 50—A sub-prefeitura de Cambrai, avisada pela «mairie» de Cateau, anuncia que, perto desta cidade,

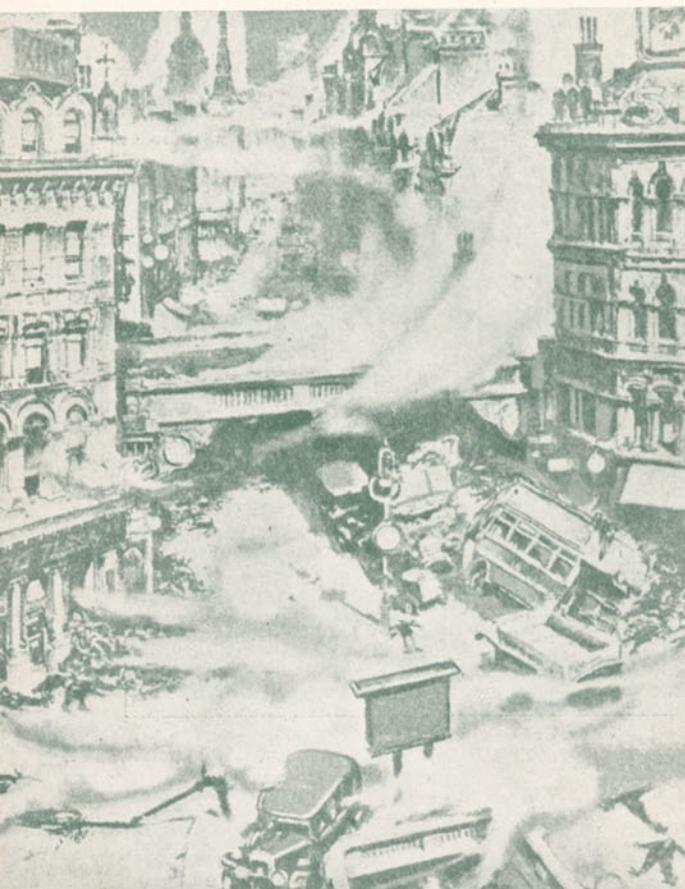
a tóda a velocidade brandando a palavra de alarme.

A's janelas aparecem rostos assustados de mulheres. Que se passa?

Todos compreendem, mas hesitam ainda em acreditar.

De janela para janela as pessoas interrogam-se, mas os brados dos alto-falantes cessam.

Ah! É tempo. Põe-se a mascara e, apressadamente,



Picadilly Circus, em pleno coração de Londres, assolada por um violento bombardeio aéreo, tal como o imagina um artista inglês

quatro aviões foram abatidos. Um outro teve de aterrar. Uma granja foi incendiada.

4 h. 55— Em La Fère, a segunda esquadrilha colhida pelo fogo da bateria, foi completamente desmantelada.

O centro de informações de Fournics assinala que cinco aviões, voando a 3.000 metros, se dirigem para a Bélgica. A sua velocidade faz acreditar que largaram toda a carga de bombas e que regressam ao ponto de partida.

«De Chauny, o «maire» avisa a perfeitura de Laon que um aparelho foi forçado a aterrar em pleno campo nos arredores da cidade. A tripulação foi aprisionada.

5 h. — De Noyon, o centro de informações indica que caíram bombas sobre a fábrica do gás, que foi pelos ares.

«Parece, pela actual posição dos aviões, que as nossas baterias retardaram o ataque, forçando o inimigo a subir e dividir-se. Sofreremos, possivelmente, ataques escalonados e menos densos do que aqueles a que o inimigo nos queria submeter.

5 h. 5 — Os 200 aviões do Bourget começaram a elevar-se na direcção nordeste, por esquadrilhas de 10. Neste momento, os alemães passavam por cima de La Fère... O embate realizar-se-á, certamente, em Senlis.

5 h. 15 — Do centro de informações de Compiègne: aviões alemães em esquadrilhas de pequenos efectivos, passam por cima da floresta...

«Da sub-prefeitura, dizem-nos: Tiros de barragem dispersaram os agrupamentos inimigos que se elevam e partem para Senlis. Dois aviões caíram na floresta.

5 h. 18 — Assinalam do centro de Longwy que três aviões alemães entraram em Luxemburgo.

5 h. 20 — A's 5 h. e 10, do centro de informações de Senlis: aviões inimigos chegando de pontos diferentes, em vagas sucessivas, tentam reunir-se e dirigem-se para Paris. Altura: 4.000 metros...

Telefonam-nos que, às quatro horas, 25 hidro-aviões, encontrando-se ocasionalmente na bacia de Meulan, tomaram voo na direcção leste.

5 h. 25 — Da sub-prefeitura de Senlis: uma grande batalha se travou às 5 h. e 15 ao sul da cidade. É impossível segui-la... Viu-se cair aviões alemães e franceses em chamas... Hidro-aviões participam no combate. A perseguição efectua-se em direcção a Paris...

«Neste momento, ouvimos os tiros de barragem de

Paris. Recomendamos à população que ponha as máscaras contra os gases para evitar qualquer acidente.

«Segundo informações que nos chegam, parece que os nossos tiros e os nossos aviões conseguiram dispersar as três vagas de assalto alemãs, cujas perdas é impossível fixar neste momento, parecendo no entanto muito importantes.

5 h. 35. — A batalha estende-se a norte e leste de Paris, sendo impossível acompanhar-lhe as peripécias. O que é certo é que, na esquadra aérea alemã, já não há comando. Os aviões procuram atingir Paris em pequenos grupos.

5 h. 40. — A três quilómetros de Paris, o nosso tiro de barragem constitui uma barreira difícil de vencer, perseguindo os numerosos pequenos grupos dispersos que parecem bastante desmoralizados... Assinala-se a queda de três aviões que, perseguidos pelos nossos, não puderam evitar as rédes estendidas a leste para a protecção durante a noite, cujos balões sustentadores não haviam desido ainda.

5 h. 45. — Caíram bombas nos arrabaldes e atearam incêndios em Bondy, Pantin e Aubervilliers. Evidentemente os alemães lançaram bombas aqui e além, e um pouco ao acaso. A fadiga dos pilotos, a emoção, o enervamento de combate, juntos às dificuldades do tiro de aviões, tornam a pontaria do inimigo quasi impossível...

5 h. 50. — Há 10 minutos que os canhões de Paris disparam. Alguns aviões inimigos, certamente, conseguiram transpor a barragem... Dois desceram, um atrás do outro, nos Campos Elíseos. Ardem casas em Montparnasse. Caíram bombas em Montmartre. É, como se compreende, impossível avaliar os estragos.

«Do monte Valerian telefonam que um importante grupo de aviões, cercado pelos nossos se bate sobre Argenteuil... Deixam cair bombas e procuram fugir para o norte.

5 h. 55. — De Senlis: cinco aviões alemães passam a 200 qm. à hora, a 3.000 metros, direcção nordeste.

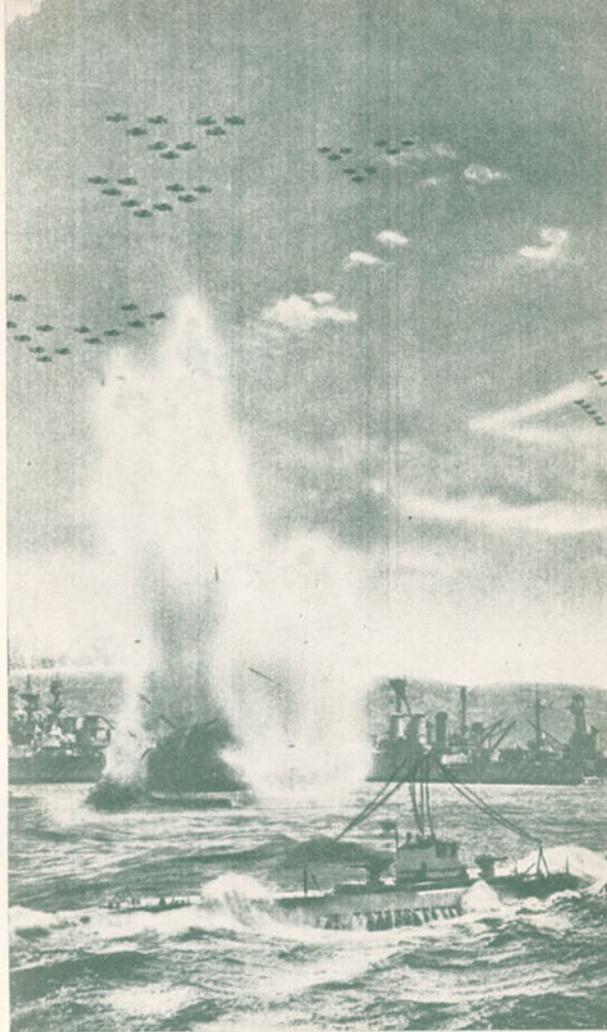
6 h. — Uma esquadrilha alemã lançou todas as suas bombas no bosque de Vincennes e na praça da Nação.

6 h. 15. — Os canhões de Paris cessaram fogo... Ao longe, parece que em pontos muito diferentes, estão travados combates.

6 h. 35. — A batalha terminou... A luta foi rude. Temos, sem dúvida, a deplorar pesadas perdas, e, infelizmente, em consequência da guerra aerotécnica, são sobretudo as mulheres e crianças, as suas vítimas. Mas a audaciosa tentativa dos alemães fracassou completamente. Paris está longe de ter sido destruída. Veremos amanhã o que dirá o mundo dos processos que colocam uma vez mais o Reich no banco dos réus das nações. Em todo o caso, é bom que a França inteira saiba que as nossas forças de cobertura se encontram no seu posto e guardam os sectores defensivos das nossas fronteiras.

«Que os parisienses que me escutam não saiam sem máscaras dos abrigos e obedeam escrupulosamente aos serviços de ordem e socorro que são devem

Aviões inimigos sobre Paris. O «Sacré Cœur», envolto nas nuvens trágicas de formidáveis explosões



Visão do que seria a luta entre uma esquadra dos ares e outra dos mares

reinar nas ruas até que a vida normal possa estabelecer-se. É apenas questão de algumas horas.»

A imprensa anunciava no dia seguinte que o ataque alemão fizera em Paris 11.000 vítimas, feridos, intoxicados ou mortos e incendiária 115 casas em diferentes pontos, sem contar o arrabalde de Nordeste, o mais atingido.

Em face do inqualificável ataque alemão, o governo francês dirigiu-se ao Conselho da Sociedade das Nações; todavia, enquanto este não toma resoluções o ministro da Guerra e o ministro do Ar tomaram todas as medidas para evitar um novo e eventual ataque inimigo. De resto as nossas forças de cobertura, rapidamente elevadas a 300.000 homens, guardam os sectores defensivos da fronteira; as nossas organizações fortificadas estão ocupadas; todas as armas se encontram preparadas. A fronteira francesa é inviolável.

Depois, a 16 de Julho, os jornais anunciam que a Bélgica e os Estados da Pequena Entente se solidarizam com a França. Na Europa inteira há um clamor de indignação contra a inqualificável agressão de que a França foi vítima.

A 17 de Julho, o governo italiano chama a Roma o seu embaixador em Berlim e Mussolini assegura à República Francesa a amizade da Itália.

Enfim, a 18 de Julho, o almirante Forster, chefe da esquadra inglesa, primeiro lord do Amirantado, ordena a todos os navios para estar sob vapor a fim de vir socorrer a França em caso de necessidade.

A Alemanha, impotente para vencer pelas armas e para resistir ao bloqueio económico que vai sofrer, é forçada a capitular. Foi o que fez a 30 de Julho, no mesmo dia em que a Sociedade das Nações reunia solenemente... para determinar qual era o agressor!



EU devia esta homenagem à Letónia que encontrou na Grande Guerra a certeza da sua independência, cujo 15.º aniversário se comemorou no dia 18 do corrente mês. Há dois anos que em missão profissional fui de longada até às antigas províncias russas do mar Báltico, percorrendo a Lituânia, a Letónia e a Estónia, visitando as suas capitais, embrenhando-me na velha civilização nórdica e surpreendendo, até onde me foi possível chegar, os bastidores da sua política.

Há que estampar neste artigo, sem preocupações literárias, um pouco da história da Letónia, a velha *Latvija* de Catarina, imperatriz da Rússia e mulher de Pedro, o Grande.

Foi no século XII, que os letões, de raça ariana, hoje muito do agrado de "Herr", Adolph Hitler, se fixaram neste admirável rincão da Rússia que tem o nome de Letónia. Formaram com os lituanos e com os antigos prussianos desaparecidos no século XVI sob os golpes dos alemães, o grupo báltico dos arianos, da família dos indo-europeus. Simultaneamente com o estabelecimento destas tribus na costa ocidental da velha Rússia, começou a colonização alemã e a conversão dos seus habitantes ao catolicismo.

A Letónia iniciou a sua vida política como um Estado eclesiástico dirigido por um bispo. Mas a meio do século XIV deu-se uma profunda transformação política e a república federativa foi implantada com o nome de Livónia, num sistema de estados onde se congregavam a Igreja, as Ordens militares, as cidades e a província da Estónia.

A posse do mar Báltico despertou os apetites da Suécia, da Rússia e da Polónia que se lançaram em luta desmembrando a República da Livónia. Isto deu como resultado que duas das suas províncias — a Curlândia e a Zemgália viveram de 1561 a 1795 sob um ducado hereditário de hegemonia polaca, passando a Estónia para a Suécia; as ilhas da Curlândia do norte, para a Dinamarca; e as províncias da Livónia e Latgale, para a Polónia.

Em 1621 a Suécia iniciou a conquista da Livónia e durante um século a velha raça dos vikings dominou no coração da Letónia, realizando uma obra tão civilizadora, que ainda hoje em Riga se recordam "os bons tempos dos suecos". Julgo ser este um caso inédito na história mundial de um povo vencido, recordar com agrado o período de domínio do invasor. Em 1721 os russos conquistam a bela capital e até 1795 vão-se assenhoreando de todos os territórios bálticos absorvendo a Finlândia, a Estónia, a Letónia, a Lituânia e a Polónia.

Batidos, dispersos e sobretudo perseguidos pelas tropas russas, os povos do Báltico e em especial os letões perdem a sua unidade e vivem mergulhados no mais profundo esquecimento, alheios ao movimento reformador do resto da Europa. Nem a revolução francesa, nem as invasões napoleónicas despertaram aqueles povos para a luta. Só a partir de 1817 com o renascimento, o letão deixa de ser o escravo da gleba, para se transformar

O 15.º aniversário da República da Letónia

no seu proprietário. Em 1822 funda-se o primeiro jornal. É curioso frisar que a Bíblia tinha sido traduzida e impressa em 1685 e que cem anos antes, em Vilna, havia aparecido o primeiro livro sobre catecismo.

A partir de 1822 fundam-se em Riga, organizações culturais e científicas. Intensifica-se a vida administrativa e algumas figuras ilustres como Allunans, Kronvalds, Valdemars, Grossvalds e Janis Tschakste, antigo presidente da República, surgem e insuflam de patriotismo as massas adormecidas.

É então que o movimento de renascimento passa a ser uma realidade incon-



ALBERTO KVIESIS
presidente da República da Letónia

testável, quer na música, na poesia, na literatura, nas artes e na ciência.

O comércio e a indústria atingem um desenvolvimento tão apreciável, que em breve Riga alcança a situação de primeiro porto do Báltico, porta de saída de toda a exportação russa.

A Grande Guerra veio encontrar os letões oprimidos, tiranizados pela Rússia imperialista. A Alemanha contava de antemão que os povos bálticos fartos do jugo russo se colocariam a seu lado para marcharem contra a velha São Petersburgo. Mas os letões, estonianos, finlandeses e lituanos, prestando justiça aos sentimentos democráticos dos povos aliados, pre-

feriram combater sob as ordens dos russos a solidarizarem-se com os alemães. Na célebre assembleia histórica de 26 de Julho de 1914 realizada no Parlamento do Império, o deputado letão Goldmans expressou numa forma bem concludente qual seria a posição dos povos bálticos perante o conflito europeu que havia de ensanguentar o Mundo. Desamparados dos russos que frequentemente batiam em retirada perante a invasão alemã, os letões constituindo corpos militares isolados opuseram à marcha das tropas teutónicas a resistência que podiam, mesmo após Riga ter caído nas mãos de Hindenburg e os russos serem batidos em Tanneberg.

O armistício de 11 de Novembro de 1918 destruiu todos os sonhos imperialistas dos alemães. Realizou-se a retirada das forças militares que ocupavam a Estónia e a Letónia que com a sua resistência haviam salvo Petrogrado da invasão germânica. A aurora da Paz surgia finalmente acima da linha negra do horizonte. O sentimento patriótico no delírio da exaltação, sete dias após a assinatura do armistício, proclamou a Letónia estado livre e independente.

As relações de amizade entre Portugal e a Letónia são mais antigas do que pode supôr-se. Datam de 1792 com a criação em Riga, grande centro comercial russo e capital da província báltica, dum consulado português que existiu até à entrada dos alemães naquela cidade.

Em 1926 o governo português verificando a necessidade de renovar as relações comerciais com os letões, que ainda hoje prestam homenagem à generosidade do general português Pamplona, conde de Suberra que foi governador de Riga durante a invasão de Napoleão na Rússia, criou um novo consulado cuja representação foi entregue ao grande lusófilo e meu querido amigo sr. Divid Brakman — Cavaleiro da Ordem de Cristo, oficial do Mérito Agrícola e Industrial e detentor de outras venerated nacionais e estrangeiras — que há sete anos vem realizando uma obra de grande alcance para o maior estreitamento das relações entre os dois países.

Neste intercambio entre dois povos longínquos, não se pode esquecer o sr. Diogo Joaquim de Matos, meu ilustre amigo e consul honorário da Letónia entre nós, que me proporcionou uma viagem agradabilíssima ao país das corôas de Arando.

A aproximação entre Portugal e aquela república nórdica encontrou no Presidente da República letã, sr. Alberto Kviesis e no novo ministro acreditado em Lisboa, sr. Felix Cielens, dois grandes animadores, que em muito hão-de concorrer para que portugueses e letões, habitantes dos extremos do velho mundo, se conheçam melhor. Eu por mim, na imprensa portuguesa, brasileira e letã, farei o que puder.

Armando d'Aguir.

MÚSICA MECÂNICA E MÚSICA HUMANA

REGRESSOU há poucas semanas de Paris, onde foi em viagem de estudo, o maestro e compositor português Ruy Coelho.

O ilustre artista teve ocasião de editar na capital francesa algumas obras que o público e a crítica acolheram com elogios que muito o honram e muito lisonjeiros são também para o nome de Portugal que êle representa com tanta elevação.

Dessas obras deve destacar-se "Valsa Profana", peça musical de delicada inspiração que causou sensação num centro musical de tanta importância como é Paris. Para bem se avaliar do triunfo excepcional dessa obra basta dizer que ela foi executada por alguns dos mais notáveis grupos musicais da França, tais como os que são dirigidos pelo grande violinista dos concertos em Nice e Côte

música mecânica e volta a preferir a música humana, isto é aquela que é executada por artistas a "solo" ou de conjunto.

— Refere-se ao público das camadas mais intelectuais...

— Sim. A êsse e também ao que menos se preocupa com problemas de estética musical. Dum modo geral, pôde dizer-se que tôda a gente vai estando fatigada de ouvir música, metida em latas, distribuída aos domicílios.

E a um breve comentário nosso à sua compreensível fobia da música mecânica, Ruy Coelho responde-nos com grande conhecimento da causa em questão:

— A máquina, pela sua monotonia e carência de timbres não pôde satisfazer o ouvido humano. O seu uso imoderado têm agora uma natural reacção no desejo do público por sonoridades verdadeiras.

— E essa tendência é já sensível?

— É. Nos grandes cinemas sonoros de Paris — como seja o "Rex", o mais elegante da capital francesa — o público têm já o prazer de ouvir uma grande orquestra sinfónica de sessenta professores que tôdas as noites executa as mais belas obras dos grandes sinfonistas. Nos cafés de luxo, também o disco cedeu o lugar a um grupo, de quinze e vinte executantes que é escutado tôdas as noites por um público distinto e silencioso que ali vai ouvir música de tôdas as classes.

E após uma interrupção breve Ruy Coelho diz-nos:

— Em muitos recintos é corrente haver numeros de canto, com acompanhamento do grupo, que são interpretados por vozes masculinas ou por sopranos.

Êsses numeros são anunciados ao público directamente ou por intermédio dos programas distribuídos pelos espectadores.



M. J. Orsini, chefe da orquestra dos concertos de Nice e da Côte d'Azur

d'Azur e pelo "virtuose" russo Alexandre Orschinsky.

Da categoria dos intérpretes se conclui, pois, o valor dessa notável composição e a merecida vitória que ela alcançou junto dum público conhecedor e exigente.

Felicítavamos há dias Ruy Coelho pelo seu triunfo, quando veio a propósito falar-se dum grave problema que muito interessa a arte musical. Parece-nos oportuno reproduzir aqui algumas das suas afirmações, a que a autoridade e os vastos conhecimentos do ilustre artista dão notável relevo.

O assunto para que, incidentalmente, descaiu a conversa, foi o da crise da música, devida, na sua maior parte, à expansão dos mecanismos reprodutores. Ruy Coelho mostra-se, a êste respeito, optimista e disse-nos prontamente como que sentenciando:

— Durante a minha recente viagem a Paris, observei que o público começa a manifestar um certo aborrecimento pela



O maestro Ruy Coelho

— Apesar de tudo, o disco ainda subsiste em muitas partes...

— Na realidade, só as *brasseries* e cafés mais ordinários utilizam ainda as formas mecânicas de fornecer música.

— A música humana triunfa, portanto em Paris...

— Para fazer uma idêa da importância que ela reveste nessa grande cidade, junte ao que já lhe disse a música dos jardins públicos com bandas militares e civis, com coros, os concertos sinfónicos das grandes salas do espectáculo — há quatro e seis por semana — as representações diárias no Teatro da Opera, na Opera Cómica, na Gaité Lyrique, no Trianon, no Trocadéro, e nos inumeráveis teatros de opereta e revista.

À despedida, Ruy Coelho, apertando-nos a mão, diz-nos ainda:

— Entretanto, em Lisboa, à falta de música humana servem-se discos... e os artistas musicais marcam um "compasso" de espera...

E o trocadilho pôs ponto na conversa.

O grupo musical russo dirigido pelo violinista "virtuose" Alexandre Orschinsky que executou a "Valsa Profana" do maestro Ruy Coelho



As consequências que o "bolchevismo" acarretou para os russos que serviam o antigo regime, ofereceu, em Roma, um aspecto deveras interessante:— o que ofereceu a famosa *Taberna Russa*, que se instalou, com bem escogitado conforto, inexcelsível limpeza e grande elegância, na ladeiranta rua Francisco Crispi.

Apenas se entrava na *Taberna Russa* e se percorriam, com olhos curiosos, os



Mademoiselle Davidoff

pequenos menus espaalhados sobre as graciosas mesinhas, deparava-se aos clientes, que logo se tornaram numerosíssimos, um aviso rezando assim: "o pessoal da *Taberna* não aceita gorgetas; não é aceite percentagem alguma pelo serviço; quaisquer reclamações devem ser feitas ao gerente."

Este aviso insólito nos restaurantes e *trattorie* da Cidade Eterna, dava logo muito que pensar aos fregueses. De facto, o costume das casas de pasto *chics* ou modestas da velha Roma era o pessoal cobrar, pelo serviço, o chamado *direito fixo*, que vem incluído na conta da despeza por determinação governativa. O *direito fixo* não é mais, afinal, do que a tradicional gorgeta legalizada pelo *fascismo* e calculada em tantos por cento... O *direito fixo*, porém, não eliminou completamente a costumada gorgeta que os clientes continuam, disfarçadamente, a pagar ao pessoal de serviço para se dispensarem de aturar certas impertinências ou, pelo menos, poucas atenções por parte do mesmo pessoal.

O regime da gorgeta tornára-se escandaloso... e Mussolini providenciou.



Masane Wikitin

O afortunado que se sentava às mesinhas da *Taberna Russa*, a princípio, interrogava-se sobre se estaria efectivamente num restaurante, tais eram as sensações estranhas que recebia e às quais não podia furtar-se. O ambiente era quasi familiar.

Na verdade, encontrava-se num restaurante, e dos melhores da incomparável *Urbs Divina* — e em breve compreendia que assim era, principalmente quando, junto da sua simpática *petite table*, parava, com sorriso amável, uma adorável figurinha de mulher a perguntar-lhe em italiano mal pronunciado, solícita e humilde: "*Che desidera, Signore? Il piatto del giorno? Macaroni à l'italiana?*"

O cliente, então, convencencia-se de que o aviso de que na *Taberna* o pessoal não recebia gorgetas tinha uma intenção e era perfeitamente justificável. A gorgeta, na *Taberna Russa*, não constituiria para o pessoal uma ironia pungente, talvez ofensiva? Para muitos clientes não bastariam, seguramente, dezenas de liras para lhes compensar o prazer fútil?

mo, que se lhes proporcionava, de contemplarem de perto as minúsculas mãos cõr de rosa e bem cuidadas que abandonavam sobre as mesas da *Taberna Russa*, com mal disfarçada distinção, uma apetitosa costeleta assada ou algumas fatias de um precioso *gâteau*, mais do que precioso... aristocrático!

Na América estes prazeres custam frequentemente, em circunstâncias diferentes, milhares de *dólares* aos ricos que os procuram e os não regateiam... Ora, em Roma, os mesmos prazeres, mas espirituais, obtinham-se platonicamente na famosa *Taberna Russa* — e os italianos souberam aplaudir a audaciosa iniciativa dos emigrados russos e cercar de carinhosa assistência moral tanta honestidade e tanta infelicidade. As consequências trágicas da implantação do regime bolchevista patentavam-se...

A *Taberna Russa* não era senão uma cooperativa corajosamente organizada pelos gentilhomens e diplomatas, pelas grandes damas e pela burguesia endinheirada da patria dos Csars, que a acção demolidora e niveladora de Lenine e se-quizes despojara de todos os bens e cargos, em nome de um ideal que se diz e é, para muitos, emancipador. Não seria esta a ocasião oportuna de o criticar...

Os homisfados russos encontrando-se em Roma, nas mais precárias circunstâncias, com os poucos recursos, que ainda lhes restavam, decidiram formar uma sociedade por acções na acariciada esperança de resolver, assim, o gravíssimo

PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO

DOS SALÕES DOIRADOS DA RUSSIA IMPERIAL DA CIDADE DE ROMA À TABERNA RUSSA

problema da sua amargurada existência. O objectivo da sociedade era montar um restaurante moderno, uma casa de pasto original, onde cada um deles empregaria as suas aptidões e se adaptaria ao que necessário fosse, a todos os cargos de director a simples *groom*, sem distinção de classe ou de sexo.

A *Taberna Russa* de Roma contou alguns meses de existência. Nascida numa pequenina loja da rua *della Vite*, prosperando dia a dia, instalou-se depois num magnífico local da rua *Francisco Crispi*, no coração da augusta cidade.

As características da *Taberna* eram muita luz, muita alvura nas paredes... e uma simplicidade familiar, admiravelmente acolhedora. Ao centro e em volta, em disposição elegante, dúzias de *petites tables* armadas em ferro e com tampo de vidro.

O atrativo era um excelente *menu* com pratos geralmente desconhecidos e a cortezia excepcional do improvisado pessoal de serviço. O director era o sr. Katenin, ex-governador de Kursh, que applicava, com successo, a sua experiencia de alto funcionário moscovita à culinária;



O coronel Thourousky

o gerente era o sr. Waranovitch, ex-consul da Rússia acreditado em Milão, um autêntico diplomata de carreira, o qual, envergando o seu impecável *smoking*, triste recordação da sua antiga opulência, mantinha e estreitava, por assim dizer, a agradável convivência entre os clientes e a *troupe* da *Taberna*.

O sr. Waranovitch, aumentando sempre o conforto do local e indicando aos clientes o prato mais deliciosamente preparado pelas mãos finas, outrora cobertas de valiosíssimos anéis, de qualquer autêntica princesa que, pela força das circunstâncias, se ocupava agora na cozinha a bater bifes ou a lavar pratos, tornara-se popular e era um elemento considerado insubstituível para a organização de animados e

afamados chás dançantes russos. Assim a *Taberna* conquistou, rapidamente, grande e merecida nomeada, não sendo exagero dizer que pela *Taberna Russa* passava todo o mundo elegante.

A princesa Galitzine, uma das formosas socias da *Taberna*, pertencia a uma opulentíssima familia de Leningrado e possuía, de direito, o título de *ateza sere-*



Condessa Gendikoff

níssima! Achava-se serenissimamente resignada com a transformação radical que sofrera a sua existência e que talvez — iríamos apostar — lhe provocou frequentes surpresas, pois, ao recordar a derrocada das instituições absolutistas do seu país, não se poderia esquecer de que, anteriormente, a rodeavam criados obedientes a um seu simples e, porventura, despótico aceno. Actualmente o aceno era-lhe dirigido pelos seus clientes, que ali eram seus patrões!

A condessa Gendikoff, trigueira, de olhos ardentes e boca sensual, ria com certo ar de quem troçava discretamente dos fregueses, quando algum deles evidenciava que preferiria beijar-lhe as mãos a aza apetitosa de frango que ela, com desenvoltura e arte, lhe abandonava sobre a mezinha. Era um amor de rapariga.

Outra condessa da *troupe* era a loira *mademoiselle* Mussin Porsnchin, igualmente muito solícita no serviço. A jovem *mademoiselle* Davidoff, com os seus olhos em amêndoa e o seu cabelo ondeado e

assetinado, que outrora possuía milhões de autênticos rublos, era outra ilustre dama decaída, que assumira enèrgicamente o pesado encargo de completar o pessoal feminino da *Taberna Russa* e, com as portas fechadas, empunhava briosamente a baçoira.

A *troupe* pertenciam alguns antigos oficiais da Guarda Imperial, que faziam guarda *muito a sério* ao pessoal feminino, velando pela ordem e evitando qualquer despropósito atrevimento. O pessoal era para ver e não tocar...

A cozinheira-chefe era russa, mas não figurava no *Goffa*. Não havia prato, ainda o mais complicado, que ela não preparasse com requintada perícia!

Um caricaturista italiano foi à *Taberna Russa* com o seu lápis irreverente para apanhar aspectos e perfis do ambiente. A condessa Gendikoff rebelou-se, a condessa Mussin Porsnchin foi esconder-se no *bureau* e mademoiselle Davidoff colocou-se por detrás do piano. A princesa Galitzine, compreendendo que o Passado morrerá para ela definitivamente, prestou-se, com um sorriso indulgente, ao lápis do audacioso caricaturista... Mademoiselle Davidoff, afinal com os seus olhos em amêndoa e o cabelo ondeado e assetinado, não conseguiu também fugir ao suplicio... O consul Waranovitch foi o único, porém, que se dignou *posar*.

Era um daqueles a quem compelia manter a disciplina no estabelecimento e a superior vigilância sobre o pessoal, cargo que ele exercia sem hesitações... à antiga maneira imperial russa.

No pitoresco subterraneo da *Taberna* havia uma cervejaria sob a superior direcção do sr. Wolkouski, antigo superintendente dos teatros da Côte. Homem de proverbiais empreendimentos artísticos, promovia passatempos... obrigados a sucessivas e custosas libações da sua ótima cerveja.

No primeiro espectáculo exhibiu-se madame Wikitin, creatura elegante e de soberba plástica, que executou bailados do seu país, com tais movimentos de pernas, braços e ventre, que logo nos convenceram de que ela seria capaz de substituir no local a *chauffage* durante o mais rigoroso inverno romano!

A sociedade cosmopolita de Roma viu com simpatia a iniciativa dos aristocratas homisiados russos e, assim, frequentava assiduamente a *Taberna*. Havia quem recordasse, ainda e com saúde, o tempo em que algumas das lindas criadinhas da *Taberna* se encontravam nos salões doirados da sociedade patricia e



O consel Waronovitch

nos chás mundanos do *Excelsior* e do *Grande Hotel*.

*Adieu chere contesse...
Bonjour de vous revir...
... Et bien?
Hors-d'œuvre, s'il vous plait...
Madame la princesse, mes hommages...
— Abbacchio alla caciatora...*

E já agora mais êste detalhe: no meio do restaurante colocaram uma pequenina orquestra... e um rumoroso repucho — a única coisa com que embrirei e classifiquei de péssimo gosto, quando um dia visitei a *Taberna Russa*.

Todo o ambiente da *Taberna*, para os seus frequentadores mais assíduos, era por assim dizer tristonho. Eles não ignoravam o drama pungente que os *donos da casa*, pela força das circunstâncias, eram obrigados a desempenhar sorrindo sempre... por dever de ofício.

Aí, durante algumas frias noites de inverno, cavaqueavam com os *habitués* da *Taberna* sobre a transformação política e económica da grande nação moscovita e aprendem a compreender melhor as causas da profunda revolução social que o chamado *bolchevismo* implantou.



A princesa Galitzine

Volvidos meses, a *troupe* dispersou e partiu para Paris a renovar, com successo duradouro mais garantido, a iniciativa que puzera em prática, corajosamente, na Cidade dos Csars.

Uma conferência sobre música brasileira

No dia 20 deste mês realizou-se no Clube Brasileiro, cujas salas se encontravam repletas, o 47.º concerto organizado pela sr.ª D. Ema Câmara Reys, que de há dez anos a esta parte vem realizando uma obra nóbil de divulgação artística. Foi dedicado este seu último concerto a um grupo de brasileiros contemporâneos, dando ensejo ao nosso camarada de imprensa Gastão de Bettencourt, de realizar uma interessantíssima conferência sobre a música do país irmão, tão curiosa sob múltiplos aspectos. Durante ela foram interpretados trechos de canto, de Francisco Braga e Glauco Velasquez, pelo sr. Raul Santos; de piano, da autoria de Barrozo Neto, Camargo-Guarnieri e Luciano Gallet, pela sr.ª D. Maria Amélia Teixeira, e um trio de Losengo Fernandes, por Júlio Silveira, Luís Barbosa e Júlio Almada, que tiveram execução admirável. Ao encantador sr. assistiu o sr. embaixador do Brasil. Da conferência que Gastão de Bettencourt realizou, publicamos a seguir alguns trechos:

Não é possível restringir a uma conferência, o assunto tentador que é a música brasileira. São tão múltiplos os seus aspectos, tão curiosos os seus caracteres dominantes, e tão sugestivos os meios ambientes que a justificam, que forçoso é delimitar dentro de fronteiras intransponíveis, aquilo que é hoje permitido ocupar às vossas atenções, tanto quanto possível sem vos causar enfado.

E, merece bem um estudo detido, feito por quem tenha o poder sugestivo de dar em pinceladas fortes e seguras, todo o carácter expressivo da música brasileira nos seus variados aspectos, desde o popular tão múltiplo, que marca, que define fortemente a fisionomia íntima dos povos, destrinchando os do norte dos do sul ou do centro.

Ah! Quem vos pudesse descrever com sugestivo manejo de colorista as romarias do Norte — o «Senhor do Bonfim», e «Senhora da Nazaré», o «São João», o «Boi Canário» ou o «Bumbe-meu-boi», da Baía, do Pará, do Ceará; a «Senhora da Penha» ou o afamado carnaval carioca...

Aí, sim, tem um folclorista os fios maravilhosos do complicado emaranhamento do mapa sentimental do Brasil, onde se ama com violência, com arrebatamento, com delírio, e se sofre com resignação e abandono, desde que haja um violão...

*«O coração da creatura
Nasce sujo e fica sujo,
enquanto a gente não chora
e o coração não sentiu*

É Chico Viola, uma das figuras animadas de Catulo

Cearense, que no-lo diz na sua pitoresca linguagem, e que, logo mais, nos dá esta lição que aqui perfeitamente se ajusta:

*«Mas, porém, quanto o Sinhô
tá triste, tá cum sôdade
da Santa Virge Maria,
Deos Nosso Sinhô se esconde
nas cordas duma viola,
prá chorá memo á vontade
a sua malincunia.*

Quem descrever-vos pudesse a vida singular dessa gente do *interland* brasileiro, tão variada nas suas tarefas árduas, em que se empenha na luta pela existência!

Mas dar-vos-á um aspecto vigoroso, de pinceladas largas e vibrantes o poeta Paula Barros, de cuja «Ronda dos Centauros» — os Vaqueiros — recorto este maravilhoso trecho:

*«São os vaqueiros que vêm!
Ouvi! — são os Centauros que passam,
Vêde-os —
Ponche — Cibão — Camisa aberta!...
Ei-los que vêm, na carreira indomável,
em sanhudos corcéis, nas azas dos bôldos,
entre nuvens de pó,
doirados pelos soes...»*

Não há nisto, meus Senhores, um forte motivo a traduzir descriptivamente em música, música cheia de beleza, de imprevisão, de emoção e de cor, transmitindo a vida estranha destes heróis, que o poeta tão admiravelmente nos descreve?

Mas, não só, por certo, os vaqueiros, os lenhadores também, como também os garimpeiros, cuja epopeia nos é fortemente descrita em páginas de impressionante realismo por Herman Lima; os vigilengos, bravos pescadores das regiões marajoaras, os sringueiros, que tem a sua tragédia descrita em páginas imortais, pelo nosso Ferreira de Castro, o pintor magnífico desse inigualável «Inferno Verde».

E, as lendas, maravilhosas e ingénuas? Recordo que tive por companheiro, na subida do Amazonas, um livro, de Alfredo Ladislau — «Terra Imatura», livro precioso que me ajudou a compreender os surpreendentes mistérios daquele reino de lendas exóticas.

A lenda romântica da «Vitória-Régia», que vive nos lagos amazônicos, faz surgir na nossa imaginação a loira Nayá, princesa da tribo, que sedenta do amor de quem por outros amores andava perdido. se lança no seio escuro do lago,



D. Ema Romero Santos Fonseca da Câmara Reys

onde a sua ilusão fizera vêr a imagem querida do amado esquivo. Desde então «á noite, Nayá desnuda-se, desatando a roupagem esvoaçante das longas pétalas, para receber no tálamo das agoas mansas, os beijos opalisados do luar».

Temos a razão da Música. Válvula de segurança às dores que atribulam. O céu, as noites de luar, os segredos do sertão, os cantos das aves que povôam o silêncio romântico das noites nos terreiros, a tentar os tropeiros, os lenhadores, os cangaceiros, os sambadores, os fráteros, os campeiros, os tangerinos ou violeiros, enfim, o sertanção ingénuo, mas sonhador.

O Brasil! Que outro país há que se lhe compare na riqueza dos motivos que esbanja, sem que os seus artistas ávaramente os aproveitem?

Só há pouco o Brasil se começou debruçando sobre o riacho límpido da sua própria belêsa. Só agora, se começou a enamorar da sua própria voz do feitiço, a escutar-se a si mesmo, descobrindo-se. E vai nessa sedução, caminhando para se fortalecer no mais saudável nacionalismo, libertando-se de influências estranhas, que os seus compositores foram longe beber, em caminhos onde não há as sombras refrescantes dos ipês e dos ingazeiros, nem o canto melódioso dos araquans, dos cebites e bigodinhos...



O nosso colega Gastão de Bettencourt lendo a sua conferência sobre «Música brasileira».



Alguns músicos brasileiros de maior nome: Glauco Velasquez, Francisco Braga, Barrozo Neto, Oscar Losengo, Fernandes e Luciano Gallet



TEATRO



CENA XVI

LUIZ, D. DIOGO E CASEIRA

CASEIRA

Vinha saber se a sr.^a condessa quer que traga as luzes.

D. DIOGO

Vem cá Rosa... A senhora sente-se indisposta...

CASEIRA

(Inquieta) Que tem, senhora condessa!... Valha-me Deus!

CONSTANÇA

(Sorrindo) Lá está a Rosa tóda no ar! Não tenho nada de cuidado, velhinha... Vá, tenham juízo... Deixem-me tomar o ar... *(Põe-se de pé)*.

D. DIOGO

Vê lá, filha!

CONSTANÇA

Pelo amor de Deus, tio Diogo! Se continúa, acaba por me convencer que estou doente! Foi só uma ligeira tontura... Tenho a cabeça um pouco pesada... Eu costume ter disto...

CASEIRA

Era melhor trazer as luzes...

CONSTANÇA

Não. Não tragas por enquanto Rosa... Sabem como isto me vai passar? Eu já sei o remédio... É deitar-me um bocadinho fechar os olhos, uma sombra de sono e pronto!... Foi-se tudo...

D. DIOGO

Mas então é melhor ir para o teu quarto.

CONSTANÇA

Não, não... Deito-me aqui neste sofá... Vocês deixam-me um bocadinho, dão ordem para ninguém vir aqui... *(Rindo)* Não estejas com essa cara, Luiz!... Até já!...

D. DIOGO

Pois sim, filha... Anda Luiz *(Saem D. Diogo e Luiz)*.

CENA XVII

CONSTANÇA E CASEIRA

(Deitando-se no sofá) Rosa dá-me daí essas almofadas... *(A caseira ajuda-a a deitar; põe-lhe as almofadas)* Um pouco mais baixa... Assim...

CASEIRA

Está bem assim, fidalga?

CONSTANÇA

Está bem, velhinha... *(Depois de pausa, numa voz lenta de quem vai dormir)* Ouve Rosa: O grilo branco cantou quando casou a prima Ascenção?

A PEÇA "MASCARADA," DE RAMADA CURTO

A última peça de Ramada Curto teve no cartaz de S. Carlos uma vida efêmera. O público mal teve tempo de se aperceber do que ela seria. «Mascarada» — assim se intitula a nova obra do autor de «O caso do dia» — não chegou a ser apreciada convenientemente. A crítica recebeu o novo original português com reticências, embora acentuasse — em geral — que o diálogo era maravilhoso, a aneddota excelentemente conduzida — à Pirandello — e que o ambiente era bem criado. Discutiuse, no entanto, a peça, e em especial, as cenas que transcrevemos. Ramada Curto, sem dúvida, uma das nossas melhores penas de dramaturgo, a quem o teatro português já deve actos primorosos, estuda na peça «Mascarada» a influência do meio nos caracteres psicológicos. Não é neste lugar que se pôde fazer uma análise à obra de Ramada Curto. Unicamente nos permitimos dizer que não há possibilidade de zingar teatro, e teatro na boa acepção do termo, com má interpretação. Não pela qualidade dos artistas — e falamos neste caso restrito — mas pela falta de unidade, de ritmo certo e de disciplina artística. Tudo faltava na companhia, que Deus haja, onde aliás fulgurava o nome duma grande actriz, mas onde não havia o conjunto necessário para o desempenho duma comédia, por muito ligeira que fosse... Posto isto, à guiza de prefácio, damos aos leitores as cenas finais do segundo acto, que a interpretação teatral não conseguiu fazer realçar-lhe nem sequer o diálogo. — A.



Ramada Curto

CASEIRA

Cantou, sim, minha senhora...

CONSTANÇA

Tu ouviste-o?

CASEIRA

Ouvi, sim, fidalga.

CONSTANÇA

Com os teus ouvidos? Como me está ouvindo a mim agora?

CASEIRA

Lembro-me muito bem... Eu era a criada da menina, que Deus tenha... Fui eu que a ajudei a vestir de noiva... E que linda que ela ia, por sinal! Foi uma festa, quando o animalzinho deu sinal de si...

CONSTANÇA

Depois ouviste-o quando casou a Joaninha, e afillhada do meu tio Diogo?

CASEIRA

Foi logo a seguir, a bem dizer! Foi de manhã... Estavam todas as senhoras aqui, nesta sala... Lembra-me como se fôsse hoje...

CONSTANÇA

Presta muita atenção, Rosa!... E podes jurar que o ouviste cantar quando eu me casei?

CASEIRA

Se posso jurar?

CONSTANÇA

Sim... Pensa bem... Isto é muito importante...

CASEIRA

(Depois de reflectir) Quando a senhora condessa se casou, eu não o ouvi... Dissram-me...

CONSTANÇA

(Alegre; já adormecida) Ah! Já vês que não o ouviste!...

CASEIRA

Foram as tias de V. Ex.^a que a ouviram...

CONSTANÇA

Sim... Foram elas... Mas tu não o ouviste, vês, tu não ouviste!... Dize lá a cantiga, canta-a... É tão bonita...

Grilo branco da lareira...
Trazes contigo a ventura...
Ligaste dois corações... *(Adormece)*.

CASEIRA

(Risonha) Como a sr.^a condessa sabe!... Eu não me lembro! Ele é uma coisa assim, como a quem diz, que é para a vida e para a morte... Esta minha memória! Diga lá outra vez, fidalga... *(Reparando em Constança)* Olha, está a dormir!... Parece uma santinha!... E não tenho nada com que a tapar... *(Olha a porta)* Vem frio dali... É melhor eu encostar a porta um bocadinho... *(Vai ao fundo, fecha um latente da porta; a cena escurrece. Caseira sai, em bicos de pés, voltando-se a espaldas)*.

CENA XVIII

CONSTANÇA, DEPOIS A SOMBRA DE MécIA DE FOJOS

CONSTANÇA

(Em sonhos) Canta bichinho, canta! Não... Não... Luiz!... *(A pouco e pouco, junto da «re-camière» onde Constança dorme, desenha-se uma sombra, precisa-se sobre a luz da lareira; vem vestida inteiramente como Constança, mas em escuro, cabeleira à Marquês, brincos compridos, decote, sinais na cara, etc. É igual ao retrato do quadro)*.

A SOMBRA

(Inclina-se sobre Constança, espiondo-lhe o sono, sorrindo com curiosidade e carinho. Constança, agita-se adormecida, geme) Como te chamas? Não tenhas medo... Sou uma sombra amiga... Como te chamas, dize?...

CONSTANÇA

(Na mesma posição, adormecida, entrecabre os olhos, fechando-os outra vez; responde numa voz de criança) Constança...

A SOMBRA

(Risonha) Lindo nome... Era o de minha Mãe!... E êle como se chama?

É o Luiz...
 CONSTANÇA
 A SOMBRA

É gentil... *(Súbitamente, reparando no vestido de Constança)* Espera. Tu trazes um vestido que foi meu!
 CONSTANÇA
 Não...
 A SOMBRA

Não, sim! Era o vestido que eu trazia, quando o pai de D. Rui me veio pedir em casamento... Se eu não o conheço!...
 CONSTANÇA

(Agitada; como num pesadelo) Não! Mas então tu quem és?
 A SOMBRA

Mécia de Fôjos...
 CONSTANÇA

(Tem um sobresalto de medo) Não quero... Tenho medo...
 A SOMBRA

(Risinha) De mim? Porquê? Por eu estar morta? Eu não te faço mal... Tranquilisa-te... Tu gostas do Luiz?..
 CONSTANÇA

Muito...
 A SOMBRA

Tanto como eu amei D. Rui?...
 CONSTANÇA

Gosto muito...
 A SOMBRA

Até á loucura até á morte?
 CONSTANÇA

Não sei... Não sei...
 A SOMBRA

Como deves ser feliz se gostares d'ele assim, Constança! Como é bom sofrer, por amor...
 CONSTANÇA

Sofrer só?... Não... Quero ser amada...
 A SOMBRA

Não basta...
 CONSTANÇA

Para ser feliz...
 A SOMBRA

Não chega... A felicidade vem do amor que se dá e não do que se recebe... Todos me queriam muito nesta casa... Meus pais, meus irmãos... Era o encanto de todos... Eu era a Morgada... Mas se não fôsse D. Rui eu nunca saberia o que era ter chorado...
 CONSTANÇA

Tens saudades?...
 A SOMBRA

Ó sim! Das lágrimas que chorei por ele!
 CONSTANÇA

Ele foi-te infiel?...
 A SOMBRA

Foi. Todas o queriam... Ele era o mais belo, o mais valente, o mais fidalgo, o meu Rui!
 CONSTANÇA

Não quero sofrer assim...

A SOMBRA
 É que não queres amar... É que não tens coração para amar... É que não gostas d'ele...
 CONSTANÇA

Não digas! Não digas... Às vezes, vou para lho confessar e tenho medo... Por isso lhe fujo; por isso o afasto de mim...
 A SOMBRA

Tenho pena de ti!... És bem mais infeliz do que eu... Tu sabes lá, Constança, como é bom!...
 CONSTANÇA

Mas tu foste só a sua noiva...
 A SOMBRA

(Sorrindo, com um dêdo nos lábios) Schiu! É falso... É a lenda que o diz... Fui sua amante!... Guardo contigo este segredo... Quando meus pais se opuzeram ao nosso casamento por causa da má fama de D. Rui... Então fui d'ele em segredo, ali, naquele quarto que é o teu!... A tremer, não o descobrissem porque o mata-



Ilia Stichini
 que interpretou o papel principal feminino

vam, com certeza... E dei-me tóda a êle; aos carinhos, ao fogo dos seus beijos... Deixa dizer os que não sabem, Constança!...
 CONSTANÇA

E não tiveste medo?
 A SOMBRA

De nada... Nem da morte!...
 CONSTANÇA

Não foste castigada?
 A SOMBRA

O amor não se castiga... Há indulgência e perdão para quem soube amar... O meu castigo, foi sabê-lo morto em duelo, por amor doutra mulher que não era eu... *(A sombra levanta-se, vai junto do cravo)* Ha pouco, quando tu estavas tocando no meu cravo, com êle ao lado, julguei vêr-me a mim e a D. Rui... Que saudade!... O mesmo garbo, a mesma mão na cinta sobre os copos da espada... No entanto, D. Rui era mais belo!

CONSTANÇA
 Não creio...
 A SOMBRA

É natural... Diz-lhe isso a êle? Porque esperas? Quem te prende? A vida é a expansão da alma... Se o amor te bate á porta, abre-lhe a porta... O amor é como uma criancinha abandonada ao tempo e ás neves da serra... O coração das mulheres é a sua lareira... Que importa o mais! Ai das que morrem sem conhecer o amor!...
 CONSTANÇA

Uma mulher, também deve ter orgulho!
 A SOMBRA

Orgulho? Não fica nada d'ele... Se tu pudesses vêr o que ficou do meu... Tinhas horror, Constança!... Um monte de cinzas, uma caveira...
 CONSTANÇA

Não digas. Tenho medo...
 A SOMBRA

Se estou aqui, se tu me estás vendo assim como me vês, foi porque amei, Constança! O que ficou do meu orgulho, é cinza... O que deixei de amor, de entrega, de dom da minha alma e do meu corpo, é aquilo que vem junto de ti e que te fala... *(Olhando para fóra da cena)* Olha, o parque ao luar! Quantas vezes ali passei com êle!... Quantas vezes, á tarde, quando ao fim das longas avenidas, uma tira de céu desmaia entre o arvoredo, eu fui, extasiada de amor, pelo seu braço, a dizer-lhe o segredo da minha paixão, da minha alma e da minha carne... O repuxo, no escuro cantava... As estátuas de marmore, faziam confidências de amor umas ás outras... Que saudade! Adeus Constança... Ama, dedica-te, abraza-te de amor!... *(Está junto de Constança, sentada, como quando appareceu)* Guarda calor para o túmulo!... Se o não fizeres, olha que a Morte é fria!... *(Vê-lhe ligeiramente a mão na testa e começa a desaparecer)*

CONSTANÇA
(Depois da sombra desaparecer, acorda do pesadelo, num grito) Ah! Rosa! Tio Diogo! Acudam!... Luzes! Tragam luzes... Luiz!...

CENA XIX

CONSTANÇA, D. DIOGO, ROSA, depois LUIZ

D. DIOGO
(Entrando á E. com Rosa, que trás um candelâbro aceso) Que é isso? Porque gritaste, filha?...

CASEIRA
(Pousando o candelâbro, indo a ela) Que foi, minha senhora?

CONSTANÇA
 Oh! Foi um sonho! Um pesadelo...

D. DIOGO
 Um sonho?... Mau?

CONSTANÇA
(Dolorosa) Não sei... Estranho... Muito estranho... *(A Luiz que entra a D. açado)* Luiz!...

LUIZ
 Pareceu-me ouvir gritar... Fôste tu?

CONSTANÇA
(Sorrindo) Sim, fui eu, Luiz... Estava nervosa... Foi um sonho... Dá-me a tua mão! *(Prende-lhe a mão e fica a olhar para êle, sorrindo)*

LUIZ
(Baixo) Amor...

CAI O PANO — FIM DO 2.º ACTO

Ramada Curto.

UMA FIGURA MUNDIAL

O AVIADOR LINDBERGH PASSOU POR LISBOA

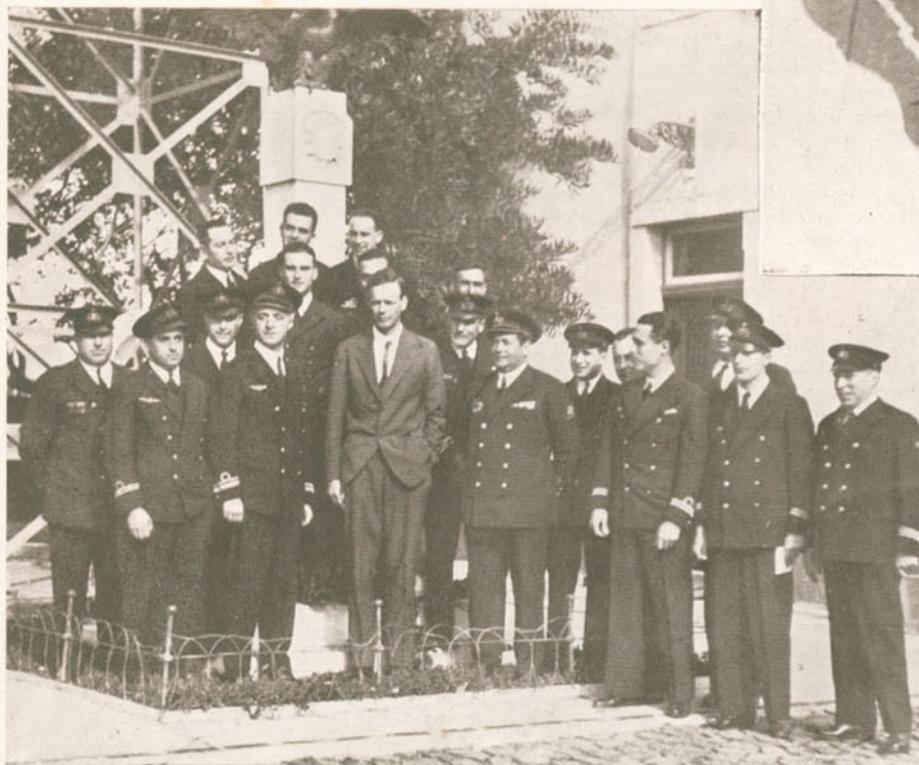
para estudar o estabelecimento de
futuras linhas aéreas transoceânicas

LINDBERGH esteve em Lisboa, cercado duma aureola de incomparável prestígio. O famoso aviador é, sem dúvida uma das personalidades mais representativas da nossa época. A sua passagem por Portugal constituiu, por esse motivo um acontecimento sensacional. O que mais interessa, porém, ao nosso país é que essa passagem não foi ocasional. Lindbergh viaja por turismo, mas o seu extenso «raid» tem, simultaneamente uma finalidade prática — o estudo de futuras linhas aéreas. E esse estudo pode vir a ter incalculável influência na posição internacional do nosso país.

Vale a pena, agora que tanto se falou e escreveu sobre Lindbergh, recordar a extraordinária carreira do grande aviador. Foi como piloto numa linha comercial entre Chicago e S. Luiz que Lindbergh se iniciou na



Lindbergh e sua mulher momentos depois da chegada à doca do 'Bom-Sucesso'



Os oficiais da aviação naval, acompanhados pelo seu camarada americano, junto do monumento comemorativo do «raid» Sacadura-Gago Coutinho.

aviação. Logo se revelaram as excepcionais faculdades que mais tarde o haviam de impôr. Possuía tudo quanto se pode exigir a um perfeito aviador: era audacioso, sem temeridade; conservava todo o sangue frio em face do perigo; dominava o avião com inigualável maestria.

Começaram a conhecê-lo pela designação, hoje já esquecida, de «o louco que voa». As suas proezas assombravam os técnicos. Mas estes eram forçados a reconhecer que, ao invés do cognome que a multidão lhe impusera, Lindbergh não era um louco. Era um aviador de raríssimas qualidades que mais tarde ou mais cedo havia de impor ao Mundo a sua magnífica superioridade.

A oportunidade chegou no dia em que Lindbergh se sentiu seduzido pela perigosa miragem

Um grupo de jornalistas na companhia do aviador Lindbergh e do ministro az America do Norte durante a recepção que lhes foi oferecida na legação dos Estados-Unidos.





O «Albatroz» pousado na margem do rio Minho

duma travessia do Atlântico. Outros, antes d'ele, a haviam sentido também. Ainda escassos meses antes Nungesser e Colli tinham desaparecido, para sempre, nas brumas trágicas do Oceano.

Mas Lindbergh era «o rapaz afortunado», como já lhe chamavam na América. Confiava na sua boa estrela. A sorte sorria-lhe. O que os outros não haviam conseguido realizá-lo-ia ele, confiando a vida a um motor guiado pelas suas mãos dominadoras.

Chegou o dia 20 de Maio de 1927. A despeito das informações meteorológicas serem desfavoráveis e um espesso nevoeiro cobrir a costa americana, Lindbergh lançou-se no seu arriscado salto. Durante trinta e três horas cruzou os ares de Nova York a Paris, transpondo o Oceano num vôo que assombrou o Mundo.

Antes de levantar vôo do aerodromo de Floyd Bennett, Lindbergh, que já falava pouco e detestava a popularidade, dissera simplesmente:

— Estarei em Paris às nove horas da noite de amanhã.

Momentos depois o ruído do seu avião sumiu-se na névoa que cobria o litoral. E às dez e vinte da noite do dia seguinte o trem de aterragem do

aparelho rolava sobre o campo de aviação de Le Bourget. Uma multidão imensa o aguardava, aclamando-o com entusiasmo. Lindbergh saltou do avião, comprometido, quasi envergonhado, na sua qualidade de bom piloto comercial. Chegara atrasado pouco mais de uma hora...

A partir desta data o nome de Lindbergh começou disfrutando uma popularidade que já mais aviador algum conheceu. O Mundo inteiro decorou-o, para o repetir com admiração e entusiasmo.

Após tão retumbante êxito, Lindbergh não abandonou a sua carreira. Não quis dormir sobre os louros da vitória, como é uso dizer-se. Continuou a voar, fazendo da aviação a sua única e absorvente preocupação. E a sorte, auxiliada pelas suas superiores qualidades de piloto, continuou a protegê-lo. Por quatro vezes salvou a vida saltando em pára-quedas de aviões incendiados.

Casou com a que é hoje Mrs. Ana Lindbergh e que a fotografia já popularizou também. Foi ainda o avião que os transportou numa extensa viagem de núpcias. Um desastre veio interromper essa singular lua-de-mel. Ao aterrar numa das etapas, o avião capotou ficando em parte destruído. Mas Lindbergh e sua noiva saíram

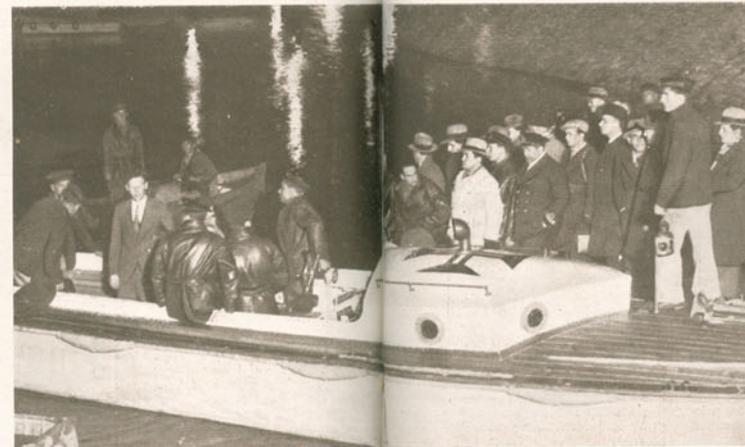
Lindbergh prepara-se para partir do rio Minho e passa revista à sua bagagem



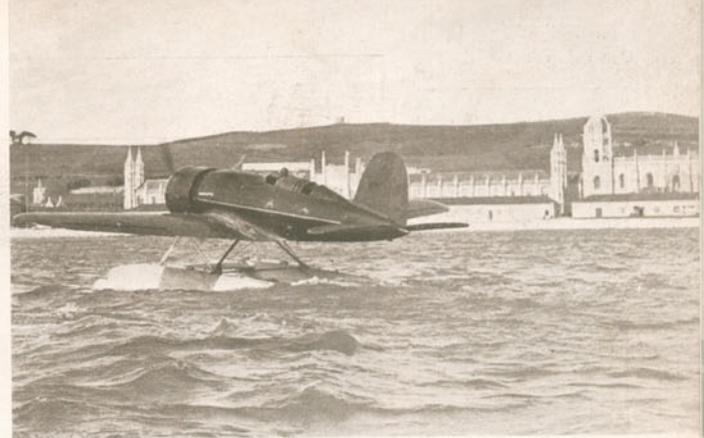
Mrs. Lindbergh aguarda na partida para os Açores



Os esposos Lindbergh, à saída do Bom Sucesso



O embarque no pequeno barco ao hidro-avião



O avião de Lindbergh em frente da Jerónimos

ilesos do acidente. A sorte continuava a favorecer o incansável voador.

Veiu depois o criminoso rapto do Bêbé Lindbergh, filho desta união. E a popularidade do infeliz pai aumentou-se ainda duma auréola de dor e tragédia.

Ultimamente, a poderosa empresa norte-americana de linhas aéreas «Pan-American-Airways», encarregou-o de estudar as possibilidades de ligação entre a América e a Europa por via aérea. Para êsse fim, Lindbergh, acompanhado de sua esposa, empreendeu um extenso «raid» tendo transposto o Atlântico pelo Norte, com escalas na Groenlandia e Islandia e visitando depois as principais capitais da Europa.

Quando Lindbergh saltou do seu hidro-avião em Lisboa, na base da Aviação Naval do Bom Sucesso, aguardava-o um grupo numeroso de jornalistas portugueses. Para nenhum d'elles era segredo que Lindbergh recusava sistematicamente fazer declarações à Imprensa. E, contudo, por dever de officio, nenhum desistia de lhe ouvir uma palavra, uma frase.

Mal Lindbergh pousou pé em terra todos os que ali estavam o rodeamos. Baldado empenho, Lindbergh distribuía sorrisos com prodiga-

lidade, mas mantinha a mais desesperadora modéstia. Foram inúteis tôdas as insistências. O herói da primeira travessia do Atlântico não falava.

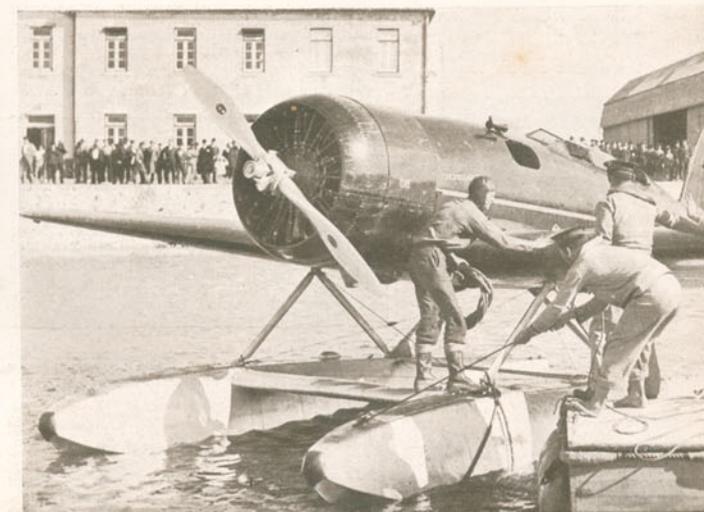
Prudência? Modestia? É possível. E talvez também um pouco de aversão ao reporter, essa figura simbólica da nossa época que na ansia de bem informar o público, devassou o seu coração torturado nas horas trágicas do rapto de Bêbé Lindbergh.

O verdadeiro fim da extensa viagem que Lindbergh está realizando com sua mulher, ficou definido nas declarações que o aviador, por intermédio dum funcionário da Legação da América, fez aos representantes da Imprensa portuguesa.

O estudo do estabelecimento duma carreira aérea que lique o velho ao novo-mundo é o primeiro passo para a realização dêsse gigantesco empreendimento. Não duvidamos que êle seja um facto num futuro não muito afastado.

Caso Lisboa venha a ser escolhido como ponto terminal da linha traçada sobre o Oceano, grandes vantagens resultariam daí para o nosso país. Tão evidentes ellas são que nos parece inútil insistir na sua importância. Resta portanto, de-sejar que assim suceda e adaptarmo-nos tão bem quanto possível para essa eventualidade.

Preparativos da amarração do «Albatroz» à boia na doca da Aviação Naval



Uma nova religião



A senhora Aimee Semple Pherson-Hutton — a exemplo dos antigos pregadores — anda pelas ruas de Nova-York fazendo propaganda duma nova religião. Dedicada a esse mister todas as horas úteis do dia, embora possua fortuna.

A guerra às estátuas



Dois franceses exaltados, mutilaram a estátua do grande poeta Déroulède, colocada na praça de Saint-Augustin, em Paris. Mutilaram-lhe a cabeça e um dos braços. Presos em flagrante, foram condenados a um ano de prisão um e a seis meses outro.

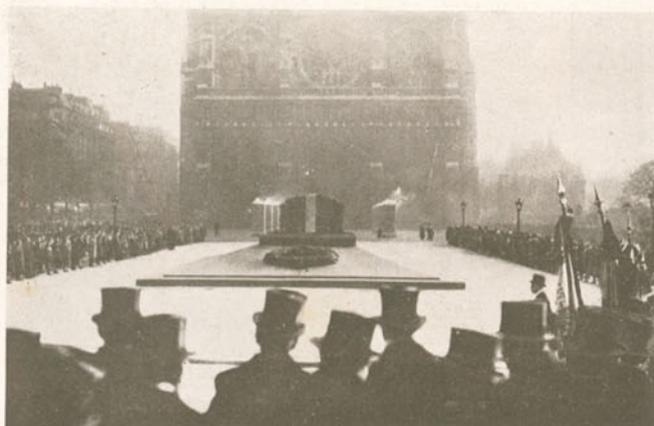
Um lobo do mar



O único marinheiro norte-americano que tem autorização especial para usar barba é K. W. Stover. Razão: tem um defeito no queixo e, por estética, foi-lhe permitido deixá-la crescer...

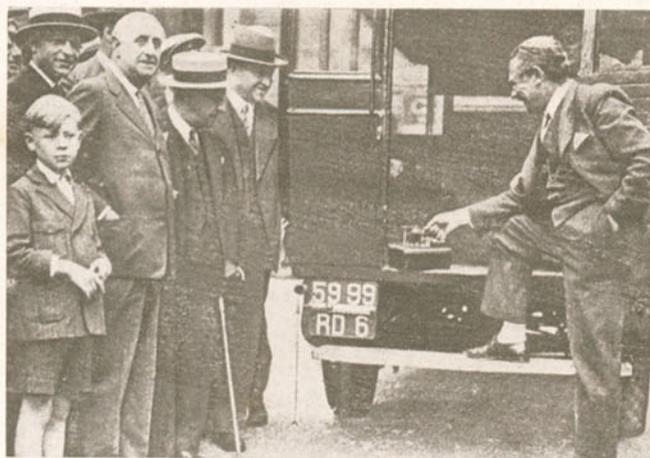
PELO MUNDO FÓRA

Os funerais do doutor Roux



A França sabe — como nenhum outro país — respeitar os seus homens. A morte do célebre doutor Roux, foi sentida por todos os franceses e, podemos dizer, por todo o mundo. O govêrno, além de lhe fazer funerais nacionais, colocou-lhe o féretro em frente da Notre-Dame. Desfilaram perante êle todos os alunos das escolas parisienses. Foi uma cerimónia imponente e respeitável. O «benfeitor da humanidade» — como era conhecido — bem mereceu essa homenagem de saudade.

Um prático avisador automático



O «chauffeur» duma «camionette» de carga, muitas vezes, por causa do barulho do seu motor, não ouve o «claxon» dos automóveis que lhe seguem atrás. Para ouvir melhor, inventou-se uma célula foto-eléctrica, que colocada na parte trazeira da «camionette», avisa o «chauffeur» por meio do aumento do ruído do «claxon», aumento que é devido à incidência do farol na célula.

Uma cerimónia na Basílica de Montmartre



Muitos bispos indígenas do Extremo-Oriente, recentemente cleitos pelo Papa, assistiram, sob a presidência do Nuncio em Paris, monsenhor Maglione, a uma cerimónia religiosa na Basílica de Montmartre.

«Miss» Vénus 1933



Por um júri, presidido pelo notável pintor Van Dongen, foi cleita Ginette Gin, «miss» Vénus 1933. O concurso efectuou-se na Sala Pleyel, de Paris.

O «homem da montanha»



EM Nova-York está-se realizando o campeonato internacional de luta. Nele apareceu — e tem probabilidades de ficar campeão — um lutador, conhecido pelo «homem da montanha», que se chama Frank Dean e que se treina, como se vê, brincando com a mulher, como se fôsse uma bola...

O maior postal do mundo



O presidente Roosevelt recebeu o maior postal do mundo. Tem oitenta centímetros por um metro e vinte. No verso, como homenagem a Roosevelt, tinha 3.500 assinaturas.

A sorte também protege..



O engraxador do «Círculo de Belas Artes» de Murcia — António Cantó Torres — vendia jôgo da lotaria. Na última extracção não conseguiu passar três décimos. Pretendeu devolvê-los à «Administração de Loterias». Não foram aceites. Era tarde. Ficou com êles obrigado. Sairam-lhe nada menos do que 270.000 pesetas...

...os bastante humildes...



No Trocadéro, de Paris, fez-se a primeira tiragem da Lotaria Nacional Francesa, que há pouco foi novamente instituída. O portador do número 18.414 era o barbeiro Bonhure, de Tarascon — que na gravura se vê escanhoando um freguês — a quem coube cinco milhões de francos. O homem, apesar de rico, disse aos jornalistas que ficava exercendo da mesma maneira o seu officio...

A graça alheia



A mãe — ESPERO QUE AMANHÃ TENHAS MAIS JUÍZO DO QUE HOJE...
O filho — LEMBRA-ME ISSO QUANDO ME ACORDARES...

PELO MUNDO FÓRA

820 casamentos no mesmo dia



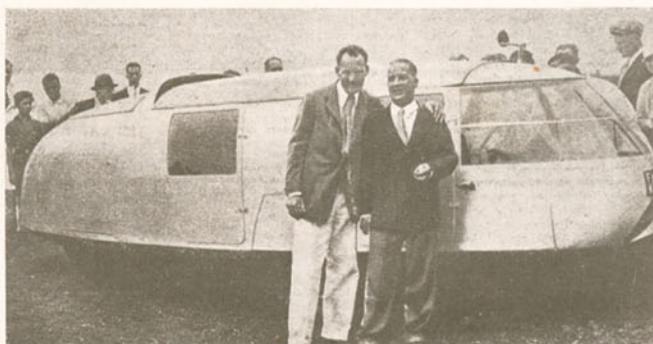
MUSSOLINI, para comemorar a «Marcha sobre Roma», instituiu um prémio aos que casem no dia do aniversário do fascismo. Esse prémio é de cinco mil liras. Este ano efectuaram-se 820 casamentos, ao mesmo tempo, na igreja de Santa Maria degli Angeli, de Roma. Foi um espectáculo curioso a que assistiu o próprio ditador italiano.

A liberdade acima até da morte...



DEZ condenados que cumprem pena na Penitenciária de Parchman, no Estado de Mississippi, ofereceram-se para serem submetidos a uma experiência horrível. Deixaram-se picar por mosquitos transmissores da doença do sono. Depois deram-lhes uma injeção fortíssima, que antes havia sido dada a macacos — alguns dos quais morreram — e ficaram em observação no Hospital Escolar. Arriscaram-se a morrer. No entanto, se se salvarem, é lhes dada a liberdade como paga pelo sacrificio.

O automobilismo e a velocidade



Dois construtores norte-americanos acabam de realizar experiências — que deram óptimos resultados — dum automóvel-relâmpago. Tem um espelho retrovisor que trabalha como periscópio. A velocidade alcançada nas experiências foi de 180 quilómetros à hora. Tem três rodas, sendo as duas da frente propulsoras.

Um rei assassinado



O rei do Afeganistão — Mohammed Nadir Shah — foi assassinado em Caboul. As circunstâncias em que se deu o atentado foram mal defendidas na imprensa. Subiu ao trono seu filho — Mohammed Nahir Khan — de 18 anos. A política no Afeganistão está confusa, como aliás, por todo o mundo. Sinal dos tempos...

O prémio Nobel



O prémio Nobel de literatura foi conferido ao escritor russo Ivan Bounine — o que está sentado na gravura — muito conhecido nos meios literários franceses. Vive em Paris desde a revolução bolchevista. Tem uma obra vasta e valorosa. É um estilista impecável e um poeta cheio de merecimento.

O mais forte do mundo...



O homem mais forte do mundo parece ser o inglês Samson que resiste, na posição que se vê na gravura, ao puxar simultâneo, de dois cavalos que arrancam em direcções contrárias... O nome de Samson fica-lhe a carácter...



à pesca

garam que já se tinha inventado a pólvora e fugiram em desordem.

— Já sei que fizeste um belo discurso contra o alcoolismo.

— Palavra que não me lembro.

— Essa agora!... Veiu em todos os jornais.

— É que naturalmente estava bêbado...

água e no dia seguinte estava naquele estado!

Num comboio:

O revisor — O seu bilhete é de terceira classe e o senhor viaja em primeira?

O viajante — O quê?!

O revisor — Esta carruagem é de primeira classe.

O viajante — Desculpe, julguei que era de segunda.

Dois amigos encontram-se depois duma longa separação:

— Então, como tens passado?

— Menos mal — responde o outro — casei.

— Oh! demónio!

— Minha mulher é um anjo!

— Felizmente!

— Felizmente, não, porque tem uma mão que é uma fera...

— Então, infelizmente.

— Também não, porque deu à filha um dote de duzentos contos.

— Sempre é uma compensação...

— Também não. É porque com o dinheiro comprei um barco de pesca e o barco foi para o fundo.

— Isso é que foi pior!

— Também não foi, porque o barco estava seguro e recebi mais do que êle tinha custado.

— Isso é que foi ótimo!

— Também não foi ótimo, porque com o que recebi comprei um prédio e o prédio ardeu.

— Mas que azar!

— Também não foi azar, por que a minha sogra tinha ido morar para lá e morreu queimada.

O professor — Leandro atravessava tôdas as noites, a nado, o Hedesponto para ir vêr Hero. Esta é a maior prova de amor que se conhece.

O discípulo — Conheço outra maior.

O professor — Qual?

O discípulo — A minha criada namora o carteiro e tôdas as noites escreve uma carta a si própria para não deixar, nem um dia, de vêr o seu apaixonado.

O pescador — Lino Ferreira.

Numa aula de português:

— Porque é que nesta frase: "ouviu-se cantar o hino", o senhor escreveu ino sem h?

— Porque o h é mudo.

— E o que tem isso?

— É que sendo mudo não podia cantar...

O marido interrogando a criada:

— E a senhora sai com freqüência?

— Não, meu senhor, sai sempre só.

— Que contente está a mulher do Silveira. Se calhar está a pensar no casaco de peles que ele lhe acaba de comprar.

— E que mal humorado está o marido.

— É que tem sempre os mesmos pensamentos da mulher.

— E não te foi possível arrancar o teu amigo das mãos dos canibais?

— Não. Quando cheguei já estavam na sobremesa.

A mãe para o filho:

— Então o menino já se levantou há meia hora e ainda não lavou a cara?

— Não é preciso. Levei tôda a noite a sonhar que estava a tomar banho.

— É aqui que mora o senhor José Galo?

— Não senhor, quem mora aqui é o senhor José Pinto.

— Está bem, mas como eu o não vejo há muito tempo julguei que já tinha crescido.

Uma tia velha dando lição à sobrinha:

— As meninas de 7 anos, deitam-se às 7 horas; as de 8 anos, às 8 horas e assim sucessivamente.

— Então a tia nunca mais se deita...

— Um dos meus antepassados ganhou uma batalha, no tempo das Cruzadas, comandando uma bateria de artilharia.

— Isso é impossível. No tempo das Cruzadas ainda não se tinha inventado a pólvora.

— Bem sei, mas o meu antepassado colocou a bateria em frente dos serracenos e êles quando viram os canhões jul-

— Que tem o Ernesto, que anda tão curvado?

— Enferrujou.

— Não compreendo!

— Não vêes que êle tinha uma constituição de ferro, mas um dia saíu sem guarda-chuva, apanhou uma carga de

Dr. Costa Sacadura



Na Maternidade Alfredo Costa — que é superiormente dirigida pelo ilustre professor sr. dr. Augusto Monjardino — inaugurou-se recentemente uma «Escola de mães» que se destina a fornecer às internadas noções de higiene e profilaxia. A sua direcção está entregue ao conhecido professor sr. dr. Costa Sacadura, cuja obra naquele modelar estabelecimento, merece os maiores elogios.

Dr. Mário Monteiro



O nome de Mário Monteiro se como advogado já era bastante conhecido, mais ainda o está sendo como homem de letras. A sua novela policial — *O fantasma de Lisboa* — agora publicada, vem mostrar-nos que estamos em frente dum vigoroso escriptor, de penetrante observação, a quem está destinado um brilhante futuro na literatura portuguesa.

O Estoril desportivo

No Casino do Estoril realizou-se, há dias, a distribuição de prémios aos vencedores da prova automobilística «Rampa do Cabo da Roca» que foi organizada pelo «Automóvel Club de Portugal». A cerimónia, marcou, tanto no meio desportivo como no mundano, e levou ao Estoril grande número de famílias, que assistiu ao acto da entrega das lindas taças. A Costa do Sol necessita, no seu durante o inverno, de acontecimentos desportivos e mundanos, que movimentem as lindas praias da linha do Estoril, onde o clima é delicioso.

NOTICIAS DA QUINZENA

Um grande hotel em Lisboa



COM a visita dos representantes da imprensa de Lisboa inaugurou-se há dias o «Aviz Hotel» — estabelecimento, pode dizer-se modelar, e que vem preencher uma lacuna que de ha muito se fazia sentir, numa cidade como Lisboa. Com êle a nova capital ficou dotada com um hotel em tudo digno de ser frequentado por estrangeiros de grande categoria. Os jornalistas, que foram amavelmente recebidos pelo neto do grande vulto da imprensa, que foi Silva Graça, ficaram encantados com as verdadeiras maravilhas e obras de arte de que está recheado o novo *Palace* português.

Rui de Albuquerque d'Orey



A PROVEITANDO a passagem do 50.º aniversário do casamento do sr. Rui de Albuquerque d'Orey, os seus empregados desceram-lhe solenemente o retrato e ofereceram-lhe uma pasta que continha uma mensagem. A maioria dos empregados contam 34, 27 e 20 anos de serviço. Na gravura, vê-se o homenageado no meio do seu pessoal, entre o qual se encontra o sr. Manuel José de Carvalho, que tem 45 anos de casa.

O PRÓXIMO NÚMERO DA "ILUSTRAÇÃO"

publicará, entre outra, colaboração de Júlio Dantas, Samuel Mala, Sousa Costa, Lino Ferreira, coronel Pais Mamede, Salazar Carreira, Manuel L. Rodrigues, Afleixo Ribeiro e João de Sousa Fonseca e das conhecidas escriptoras Maria de Eça e Mercedes Blasco

Dr. João da Silva Correia



PARA o alto cargo de director da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, foi nomeado o sr. dr. João da Silva Correia, uma das primeiras figuras do professorado em assuntos de filosofia portuguesa e que com grande autoridade vem firmando, no *Diário de Noticias*, artigos sobre a nossa lingua.

Roque da Fonseca



COM um prefácio do sr. dr. Caetano da Mata, ilustre titular da pasta dos estrangeiros, veio agora a lume, numa cuidada edição, a conferência realizada há meses, na Associação Comercial de Lisboa, sobre «A expansão económica de Portugal» pelo sr. Joaquim Roque da Fonseca, director daquele organismo e pessoa conhecedora da vida comercial e industrial do nosso país. Trata-se dum trabalho que «merece ser lido e meditado» no dizer do sr. dr. Caetano da Mata, e que revela grandes qualidades de estudo e de observação. A conferência, assim impressa, enriquece a obra e serve, para os que se dedicam a êsses estudos, de base para trabalhos sobre a vida económica portuguesa.



O banquete ao sr. dr. Mário Cardim

Ao brilhante advogado e economista brasileiro, que tem estado entre nós como emigrado político e que regressou ante-hontem ao seu país, foi oferecido um banquete de homenagem que decorreu no meio de grande animação.





UMA árvore não é para mim um mero exemplar vegetal de grandes proporções. Recordo-me de, muito novo, têr lido num livro de Herculano a aversão do homem destas paragens extremas, por uma árvore lhe esconder algumas pavesias de cereais. Ignorava então, como muitos outras coisas que o autor do *Eurico* escreveu, o que fôsse "algumas pavesias de cereais", mas achei logo que não valeria uma árvore.

É que, para mim, elas têm um valor que está acima de todo o preço utilitário, e a que se chama *estima*. Alguém que já tivesse visto um trecho da terra transfigurarse, espiritualisar-se através uma ramagem, compreenderá o sêr semelhante em sensibilidade, que vejo em cada árvore.

Elas começaram a aparecer-me na cidade, como entes estranhos, fantásticamente imóveis, que ora me exprimiam uma grande alegria, ora uma grande piedade. Via-as presas à terra, e senti-as com um pouco da alma do mundo, enchendo-se com a festa de fôlhas da Primavera, e sofrendo como ninguém essa agrura que nasce com o Outono, e as deixa nuas, arripiadas numa patente desgraça.

Nunca elas me interessaram como agricultor, nem, intelectualmente, como botânico. Creio só que há raças de árvores, não bem como entre os homens, mas em especial como nas mulheres...

umas são altas, esguias, bem copadas como as ilustres damas; outras flexíveis, empenachadas, à maneira das cocotes. Outras há, grandes, desenvoltas, espalhando ao redor uma grande sombra como as matronas. Outras ainda, sem sêrem as maiores, vergam-se frágeis ao pêso dos seus frutos, lembrando tantas

mães magras mas fecundas, derreadas por ranchos de filhos.

Certas, mesmo, trazidas novas para a cidade, aí crescem direitas, elegantes, com ramagens proporcionadas, que os jardineiros, êsses cabeleireiros de árvores, recortam, aparam, imprimem até ondulações permanentes; e assim se civilizam à parte das suas irmãs da selva, que cresceram nodosas, carcomidas, gretadas pelas intempéries, desencadadas, desgredadas pelos ventos.

E os homens, em geral, querem-lhes como às mulheres. A umas criam-nas nos seus pomares para lhes fornecerem os frutos. A outras alinham-nas pelas avenidas para deleite dos seus olhos, como as senhoras que passam. Adornam por vaidade os seus jardins com as de maior luxo e beleza. E a algumas plantam-nas à beira das estradas, para obter delas um refrigério de sombra, e logo depois as deixarem.

Mas existem poetas que são amantes platônicos de tôdas elas, e as têm cantado a par com as beldades humanas. E, com efeito ha tanto de humano, de pessoal em cada uma delas, que só perdem a sua individualidade quando compõem as florestas, como as criaturas humanas quando formam, assim tão sombriamente, uma multidão.

Também eu fui, senão um dos seus amantes pla-



Impressões do Outono A expressão das árvores

tônicos, um dos homens impressionados com elas, na época em que o meu espírito, mais que com o reino dos vegetais, se sensibilizava com o mundo das belas utopias. As árvores apareciam-me então neste mundo, como gênios encantados dêsse outro, com a sua grande alma misteriosa, e a sua estranha imobilidade. E só assim as perdi de vista, quando vim perdendo-me pouco a pouco no reino animal.

Demais, era no Outono que sobretudo as árvores me impressionavam, e de há anos que passo em viagem a estação das delicadas, vagas emoções. Vejo-as pelas alamedas, vulgares, mundanas como as mulheres pelos hotéis, ou distanciando-se, perdendo-se com a poeira do mundo que corre, e trago comigo a preocupação íntima duma mulher meiga, subtil, espiritual.

Êste ano, porém, assisti, no campo onde passo o Verão, ao encenar atmosférico, transfigurador, surto e inquietante do drama outonal. Uma manhã, tendo já na véspera sentido um pronúncio mago no cair do sol, ao abrir a janela do meu quarto ao novo dia, dei com uma luz

velada, quási imaterial, como que ainda não de todo criada, que assim tornava o espaço e o relêvo dos montes, e a que, sobre tôdas as coisas, eram sensíveis as árvores surgindo isoladas, pessoais, tendo nos seus perfis e atitudes algo não só de vivente, mas ainda sensibilizado, quási direi — humano.

Era num dêsses momentos em que têm a impressão religiosa de que tudo vêm do espírito, e em espírito se tornam. Sentimos a doçura dos longes, a carícia dos ares, a emoção da luz, e concordamos com o filósofo que viu tudo cheio de almas. E, vendo-me viver num mundo assim, lembrei-me, olhando aquelas árvores, desta minha história sentimental...

Foi nos meus primeiros anos do liceu. Começava a estudar botânica e zoologia, mas o que ia sabendo da raiz, caule, fôlhas e flores tinha tanto com uma árvore, como com uma mulher o que ia sabendo da cabeça, tronco e membros humanos. A primeira continuava a ser para mim uma alma sensível, e a segun-



da uma beleza, e mesmo já um apetite.

E então encontrei, regularmente, debaixo de certas árvores dum jardim, uma determinada rapariga. Ela embebia-se tôda no palminho do seu livro, e eu no seu palminho de cara. Estávamos na primavera, e havia ainda um pouco de frio e de pensamentos deixados do inverno. Mas tudo começava a florescer e a aquecer à nossa volta, ela distraiu-se do seu livro, eu do seu palminho de cara, e começámos a falar, não propriamente da Primavera, mas de qualquer coisa de primavera, enquanto também fomos florescendo e aquecendo. Por sobre nós as árvores estendiam benignamente a sua sombra tutelar.

Nisto, vieram para mim as férias, e para nós ambos o veraneio fóra de Lisboa. Pretendi ir sentar-me com ela para debaixo de outras árvores benignas e tutelares, mas a menina não mo consentiu e apartámos-nos. Porquê? Mistério.

Passei todo o verão, encalmado, fastioso, sobretudo com sede da menina, uma sede incurável, vendo tôdas as árvores desertas e inúteis, e ruminei em ideias pagãs e silvestres.

Quando regresséi, com o Outono a Lisboa, o meu primeiro pensamento foi voltar ao jardim do nosso interrompido namôro.

A menina lá estava com o seu livro, sentada no mesmo banco, agora com

um casaco que a protegia do desconforto do ar, e pareceu-me que também das minhas ideias pagãs.

Uma rapariga num jardim não desperta tão intensas ideias, mas sim suaves. Depois, no desconforto do ar há sempre qualquer coisa do desconforto do espírito, que fazia então um grande deserto à nossa volta. As árvores começavam a contorcer de frio as suas hastes, despojando-se das fôlhas mortas, de que o chão era o cemitério raso...

Porém, o amor é para os jóvens como o vinho para os êbrios: refreça no verão como aquece no inverno. E a deserção do lugar, e o sol jogando às escondidas por trás das nuvens, pareciam-me cúmplices misteriosos. O cair de uma ou outra fôlha marcando não sei que horas da morte, a própria convulsão dos ramos sugerindo dêdos aduncos, rapaces, excitavam a minha mocidade.

Assim o inverno foi chegando, pondo tudo a nú, arripiado, tiritante. Escorreram no espaço nevoento, os primeiros chuviscos, tristes, emocionantes como lágrimas. Nuvens medonhas assomavam-nos de tôdos os lados, punham-se a correr no céu, sobre nós, como loucas desgredadas. Percorriam-nos, intimamente, como às coisas, frêmitos de regelantes alfiões. Uniamo-nos cada vez mais, e só sentamos o horror dessa perdição negra que desabava sobre nós. E foi então que deparámos com as árvores altas, descarnadas, com os ramos lembrando vértebras arrancadas, convulsas, tôdas elas expressivas como grandes fantasmas de pé, vigiando na imensa desolação.

E desde êsse dia a menina não tornou a aparecer.

Palavra de honra que não houve mais nada!

(Fotos João Martins)

Aléixo Ribeiro.



Carole Lombard, mulher de encanto suave e misterioso

CINEMA

“Grande Hotel” o filme das “estrelas”

Entre Greta Garbo e a célebre rainha Cristina da Suécia existem numerosos traços comuns e esse facto justifica o interesse que a célebre artista pôz sempre em interpretar o filme cuja realização se encontra quási terminada em Hollywood.

A vida dessa singular rainha forma um curioso romance que o cinema fez bem em aproveitar e de que é possível extrair um filme cheio de interesse dramático.

Cristina da Suécia era uma mulher de superior inteligência, liberta de preconceitos, que prezava acima de tudo a sua liberdade. Foi essa a razão porque nunca casou, tendo sempre manifestado a sua maneira de ver numa frase lacónica e definitiva:

— Preferia morrer a casar-me.

Nasceu em 1626, há mais de três séculos, portanto. Aos 18 anos foi

coroada rainha. Para se libertar das obrigações do seu alto cargo e recuperar a sua liberdade, quis abdicar pouco tempo depois. Mas tão estimada era pelo povo e pelos que na Côte a rodeavam, que isso só lhe foi consentido dez anos mais tarde.

A cerimónia da abdição foi grandiosa e dramática. Quando chegou o momento de lhe retirar a corôa, o conde Braher recusou-se a fazê-lo. Foi a própria rainha que, levantando-se, se despojou do manto e da corôa. Logo o manto foi rasgado em mil pedaços pelos cortesãos que queriam conservar uma reliquia da rainha.

Cristina foi, no dizer dos seus biógrafos, uma das mais misteriosas e sedutoras mulheres que têm existido. Possuía um encanto magnético irresistível. Tinha a coragem das suas opiniões. Fazia o que lhe agradava sem se importar com a opinião pública.

Adorava a leitura. A sua ânsia de conhecimentos era enorme. Possuía uma biblioteca que era considerada das mais valiosas do Mundo. Tinha a paixão de conversar com homens inteligentes. Soube por isso rodear-se dos grandes pensadores do seu tempo, entre outros do grande Descartes.

Em matéria de vestuário, desdenhava toda a ostentação ou luxo. Manifestava uma certa predilecção pelos trajes masculinizados: sapatos de salto raso, casacos muito simples, gravatas, etc. Atribue-se-lhe a frase: «Sou a mulher que menos se interessa pelo seu vestuário em todo o Mundo».

Compreende-se, pois, que Greta Garbo aceitasse com entusiasmo a oportunidade, que agora lhe foi oferecida, de interpretar no écran uma figura tão singular e que com ela apresenta tão grande número de afinidades.

«Cristina da Suécia», pode, por todas estas razões, vir a ser um dos mais belos filmes

da admirável Greta Garbo se, como é de supôr, a formosa «estrela» dêr a medida completa do seu valor.

O automóvel em que o arquiduque Fernando da Austria foi vítima dum atentado em junho de 1914, que estava destinado a provocar a guerra, foi vendido para a América. Actualmente encontra-se em Hollywood e vai figurar no filme «After To-Night», um drama de espionagem que a R. K. O. tem em preparação.

Dois operadores da «Paramount» acompanharão a expedição ao polo Sul que Byrd está organizando. A sua missão é produzir um documentário sôbre a aventureira viagem.

Como o leitor talvez se recorde, já durante a última expedição do audacioso explorador polar foi realizado um excelente filme que o Tivoli exibiu com o título «Byrd no Polo Sul».

A repartição inglesa do cinema educativo surgeriu há tempo a criação dum fundo especial destinado à adaptação ao «ecran» das principais obras de Shakespeare.

No parecer que acompanha esta sugestão faz-se vêr que, além da receita que a exibição nas salas de cinema produziria, os referidos filmes poderiam com grande proveito ser exibidos nas escolas e universidades, tornando, assim, mais facilmente acessíveis aos estudantes as obras do genial dramaturgo.



Uma tentadora atitude de Grace Bradley

ESTREOU-SE num dos primeiros cinemas da capital o filme que reúne uma constelação de «estrelas» — «Grande Hotel».

Fomos vê-lo com curiosidade. É esta a primeira vez que nos é dado apreciar num mesmo filme tão grande número de interpretes de alta categoria. E por isso o facto tinha foros de sensacional.

Há pouco a dizer dum filme, cujos papéis, dos mais importantes aos mais ínfimos, são desempenhados por actores que por si só justificam uma grande produção.

A interpretação é, pois, perfeita. Não tem pontos obscuros. Mas não constituirá isso mesmo um defeito? Nota-se, de facto, como que uma falta de contrastes. O porteiro, papel sem importância interpretado por Jean Hersholt, prende-nos tanto a atenção como qualquer das figuras centrais da acção.

O grande interesse de «Grande Hotel» para o público cinéfilo consiste no duelo artístico Greta Garbo-Joan Crawford. Digamos que o resultado dêsse duelo é bastante duvidoso. Greta Garbo é a mulher sedutora, torturada e misteriosa de sempre. Mas Joan Crawford, estimulada de-certo pela competição no mesmo filme com a famosa «estrela» sueca dá-nos uma das suas mais extraordinárias criações.

Quanto ao argumento, «Grande Hotel» é, como se sabe baseado num romance universalmente famoso, que se têm vendido aos milhões por esse Mundo jóra. Escreveu-o a autora alemã Vicki Baum, e em vista do êxito estrondoso que obteve nos Estados Unidos a tradução inglesa, julgou a «Metro» oportuno adaptá-lo ao cinema, dando-lhe um elenco digno da celebridade que conquistára.

Trata-se na verdade duma obra vigorosa, de acção bem conduzida que resulta no cinema um filme de grande dramatismo. Nenhuma destas qualidades é de molde, contudo a justificar o acolhimento dispensado ao romance, o qual, como dissemos atingiu no estrangeiro proporções enormes. — M. R.

CINEMA

O erotismo e o culto da beleza

Florinne Mac Kinney exprime aqui 1633 a sensualidade



SE há na mitologia grega um deus a que o cinema devesse ser consagrado, êsse deus só poderia ser Eros.

É que o cinema é, por excelência a arte erótica. Vive de excitar no homem os seus apetites de sensualidade. Lisonjeia-lhe as preferências, Oferece-lhe o espectáculo tentador duma beleza perfeita. Povoalhe a imaginação de sonhos irrealizáveis, de prazeres impossíveis. É essa a razão da sua força imensa, do seu domínio sobre o espectador.

No cinema a beleza supera tudo. O galã é sempre apolíneo. A ingénua tem sempre a formosura duma Vénus. E estas qualidades físicas estão ligadas estreitamente às qualidades morais. O herói é sempre másculo, forte, belo; a heroína, formosa, sedutora, elegante. Um personagem simpático, mas feio, é um absurdo que só em raros filmes se concebe.

À parte algumas excepções, toda a produção cinematográfica vive presa a êste convencionalismo. Toda êle se dirige, no espectador, ao mesmo sentimento, ao mesmo instinto. Será isso um bem ou um mal? Não o sabemos. Limitamos-nos a registar o facto.

Podem objectar-se que toda a arte tende para a expressão da beleza. Que tanto a pintura como a escultura procuram a reprodução de formas perfeitas. Que todas elas têm, portanto, um carácter erótico.

Mas não sucede assim. Considerada a questão dum modo geral, tanto a pintura como a escultura procuram reproduzir o que é belo, espiritualizando-o. Privam-se assim do seu carácter material e erótico. Os desenhos galantes dos séculos XVII e XVIII são acima de tudo obras de arte onde os menos entendidos dos apreciadores não têm duvida em esquecer o assunto para admirar a composição.

É o contrário que se verifica no cinema. Aqui a imagem serve de motivo para a ilustração dum assunto erótico. É êste, pois, que prevalece no conjunto. E o tema não se nos oferece espiritualizado porque a finalidade da obra não é isso que interessa, mas sim a intensidade da emoção erótica que vai despertar no ânimo do espectador.

Para atingir êsse fim o cinema serve-se dos seus poderosos meios de sugestão e tem ao seu dispor as mais variadas fórmulas. Daí a diversidade de aspectos que o erotismo reveste no «écran».

Cada artista possui os seus dotes especiais de sedução, isso a que os americanos chamam, com propriedade e realismo, o *sex-appeal*. Umas são langorosas, tentadoras, provocantes, como Clara Bow. Outras frias, distantes, irradiando misteriosos efluvios magnéticos, como Greta Garbo. Outras ainda desdenhosas, altivas, como Crauford. Todas elas constituem para a multidão anónima outros tantos símbolos que ela desejaria possuir, que povoam a

sua mente com imagens dum amor fisicamente perfeito e que a reconciliam com as grosseiras imperfeições da vida real.

Tal é pois na sua essência o segredo do prestígio imenso do cinema sobre o público e da celebridade de alguns nomes que correm os «écrans» do mundo simulando paixões, exprimindo desejos.

Mais se têm acentuado, no decorrer dos últimos tempos, esta característica que não pôde passar despercebido a um observador atento. Noventa por cento das produções têm um argumento fundamentalmente erótico. O amor físico o choque entre os dois sexos constituem o seu tema.

A influência social que esta tendência da arte cinematográfica está destinada a exercer alcança proporções consideráveis. Criou-se um novo mito — o dum amor maravilhoso, idealmente incarnado pelas «estrelas», seres de excepção dotados de estranhos poderes de sedução e mágicos segredos de volúpia. A multidão não se interessa pelo que elas possam ser na vida real, privadas dos maravilhosos atributos que a câmara cinematográfica lhes confere. Quando elas surgem no rectângulo de tela luminoso o espectador entra, imediatamente na sua intimidade. Observa com minúcia os seus movimentos, acaricia-as mentalmente, sente-se arrebatado por sensações desconhecidas, dominado pelo desejo de dedicações sobre-humanas. Quando a luz volta a inundar a sala, o encanto quebra-se, mas o espectador conserva ciosamente, no mais íntimo das suas recordações, as imagens voluptuosas que, daí para o futuro, vão povoar os seus sonhos.

Não pode ser, portanto, tida em menos consideração a influência profunda que o cinema exerce sobre as massas. Não se trata apenas de simples excitações eróticas. O que importa é que o cinema veio criar o mito dum amor maravilhoso e que, seduzidas

por êle, multidões inumeráveis de seres humanos procuram com ardor renovado felicidades impossíveis.

Alguns filmes americanos conseguiram elevar o erotismo a um grau do requinte notável. Sirvam de exemplo os filmes de Eddie Cantor, onde cada cena serve de pretexto para exhibição de provocantes bealdades.

O facto é ainda evidente nos filmes «Tarzan, o homem macaco» e «O Rei da Selva». Ambos servem de motivo á exaltação da beleza masculina e o seu êxito junto do publico feminino não pôde ser objecto de discussão.

Uma consequência util, pelo menos, resultará dêste estímulo que o cinema exerce sobre o erotismo.

Essa consequência é um maior culto de beleza física cujos efeitos não pôdem já ser contados. As mulheres habituaram-se a cultivar mais intensamente a sua beleza. A cada passo, encontramos na rua, rostos e figuras que são replicas mais ou menos felizes de «estrelas» de grande renome. Ou jovens que, consciente ou inconscientemente, copiam os actores célebres. Pode, na verdade, resultar disto uma certa monotonia, por falta de diversidade de tipos, Mas sobre o que não pôde haver dúvidas é que a influência exercida sobre o gosto do publico é enorme.

Por intermedio do cinema, a tradição de beleza que a Grécia nos legou, ressurgiu, para atingir talvez um esplendor maior do que nunca. Bem se pôde, por isso dizer que o deus Eros voltou a ser adorado pelos humanos.



A tentação quasi ingénua de Peggy Joyce



O ciclista Rodrigo Garrido, do Sporting, que pela 4.ª vez ganhou o campeonato nacional de velocidade

Ao encerrar a época ciclista disputaram-se finalmente os campeonatos nacionais de velocidade e fundo, nos quais venceram os detentores do título.

A proeza de Rodrigo Garrido, triunfando pela quarta vez consecutiva, não causou grande admiração pois era tido como favorito, mas a vitória de José Maria Nicolau foi uma agradável surpresa, demonstrando a resurreição de um corredor simpático e valoroso.

Nesta prova, a que faltaram Alfredo Trindade e Santos Duarte por doença, Ezequiel Lino, e João Francisco porque não haviam sido classificados, os prognósticos apontavam como possível campeão, o denodado Cezar Luiz, que afinal não conseguiu melhor do que um quarto lugar, sendo num desconhecido, o algarvio Afonso Rodrigues, que Nicolau encontrou resistência e luta.

Terminada a actividade do ano, com vinte provas disputadas no país pelos corredores de Lisboa, apresenta-se-nos o sportinguista Alfredo Trindade como o melhor homem da época, vencedor da Volta a Portugal, Campeonato Distrital, circuitos de Palmela, Curia e Alcobaça, Matozinhos-Valença e volta; segundo nas 12 voltas à Gafa e Lisboa-Bombarral-Lisboa, terceiro na Lisboa-Coimbra. A única prova em que se não classificou, foram os 100 km. clássicos, desistindo por avaria na máquina.

Completando a bagagem, citemos ainda a sua corajosa prova no Circuito de Pontevédras, notabilizada pela admirável corrida da primeira etapa.

Depois de Trindade, foram Cezar Luiz, Nicolau e Ezequiel Lino, os que mais se distinguiram.

O primeiro, verdadeira revelação da época, ganhou a Taça Olímpica, o Circuito do Estoril e Lisboa-Coimbra, sendo ainda segundo no Campeonato Distrital

e na corrida Lisboa-Salvaterra, terceiro na volta a Portugal

José Maria Nicolau começou bem a época, ganhando com brilhantismo os 50 km., terminando segundo nos 100 km., e em Palmela, vencendo novamente na Gafa e em Lisboa-Bombarral e regresso. A doença destrói-lhe depois forma, e sucessivamente desiste, êle que é um batalhadôr incansável, no Pôrto-Lisboa, em Pontevédras, na volta a Portugal, Reaparece no final da estação, retomando com prudência a carreira, termina nônio na Figueira, quarto na Taça Olímpica, terceiro em Salvaterra e, a fechar com chave de ouro, campeão de Portugal.

Ezequiel Lino venceu duas únicas provas, mas venceu-as bem: os 100 km., batendo o récor nacional, é Lisboa-Salvaterra. Foi ainda um excelente segundo na volta a Portugal, em Matozinhos, terceiro em Palmela e na Figueira.

Os restantes vencedores da época, foram: Diamantino Cordeiro, no circuito de Lisboa; João Francisco no Pôrto-Lisboa; Gil Moreira na Figueira (Volta dos Campeões); Valentino Afonso, no Giro do Minho.

De um modo geral pôde afirmar-se um progresso sensível do ciclismo português, uma animação excênica da época, cujo interesse aumentou pela divisão de triunfos, consequência directa da baixa de forma de Nicolau.

Chegaram-nos ultimamente às mãos algumas revistas brasileiras trazendo valiosos ensinamentos sobre o progresso do atletismo nesse país. Os campeonatos de S. Paulo registaram, por exemplo, alguns resultados bem explicitos a certificar o trabalho bem orientado dos atletas e dos dirigentes.

A corrida de 100 metros, foi ganha por Ivo Sallowicz em 10 s. ²/₁₀, igualando o récor do mundo, embora favorecido pelo vento em condições de não poder ser homologado.

No salto em altura, Lucio de Castro, logrou o primeiro pósto transpondo 1,85

A QUINZENA DESPORTIVA

A época ciclista e os campeonatos de atletismo

O atletismo em S. Paulo

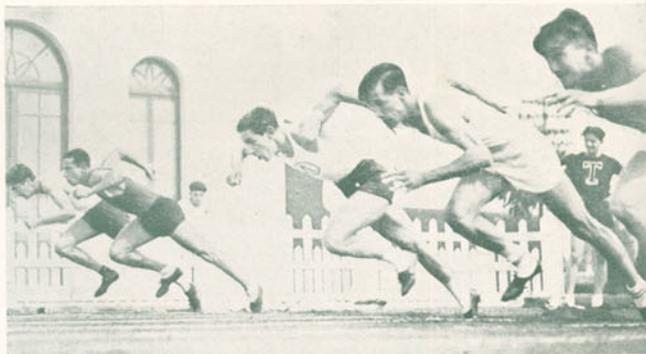
O Congresso Desportivo

empatado com Hugo Carotini, mas se esta marca é já digna de menção, mais notável é ainda saber que o sexto classificado passou 1,175, altura que em Portugal é quasi inaccessível aos melhores.

Para elucidação dos nossos leitores, e confronto com a situação nacional, damos de seguida a lista dos atuais records do Brasil e Portugal:

100m — Xavier de Almeida, 10" ³/₅; A. Sarsfield, igual tempo.
200m — Xavier de Almeida, 21" ⁴/₅; Gentil dos Santos.
400m — D. Puglisi, 48" ¹/₅; A. J. Dias.
800m — D. Puglisi, 1'56" ¹/₅; A. Silveira.
1500m — H. Bianchini, 4'10"; A. Almeida.
5.000m — N. Gomes, 15'57"; M. Dias, 15'.
10.000m — A. Gomes, 33'41" ¹/₅; A. de Almeida.
Barreiras, 110m — Silvio Magalhães, 14" ¹/₅; Palhares Costa, 16" ¹/₅.
Barreiras, 400m — S. Magalhães, 54" ¹/₅; A. Silveira, 58".
4x100m — F. P. A., 42" ²/₅; Grupo misto.
4x400m — F. P. A., 3'25" ²/₅; A. A. L.
S. altura — Lucio de Castro, 1,866; Pascoal de Almeida, 1,82.
S. comprimento — C. Falcão, 7,14; A. Carvelhos, 6,80.
S. vara — Lucio de Castro, 4,495;
L. péso — Cândido Sousa, 13,061; Garnel Júnior, 13,3.
L. disco — B. Barros, 42,295; A. Cardoso, 41,1.
L. dardo — Duque da Silva, 59,865; Garnel Júnior, 49,1.
L. martelo — Assis Naban, 47,75; H. Mendes.

As escolas de aviação estrangeiras empregam na instrução dos alunos, curiosos



A partida duma corrida de 100 metros nos campeonatos de atletismo de S. Paulo

aparelhos que lhes permitem uma aprendizagem geral e completa isenta de perigos.

Para iniciar os novatos no vôo acrobático empregam, por exemplo, alguns países, um aparelho podendo girar em torno de um eixo horizontal, movido por um hélice que um pequeno motor acciona. O ensino do "looping", e outros exercícios é, graças a esta máquina, quasi perfeito, mas os principais fins do seu emprêgo são acostumar o aprendiz às bruscas reacções que o corpo sofre durante a execução das acrobacias aéreas, determinando ao mesmo tempo a aptidão dos alunos para tripular aviões ligeiros.

Um dia chegará em que não seja preciso sair de terra para aprender a voar.

O italiano Primo Carnera é actual campeão do mundo de box de todas as categorias, e considerado quasi um herói nacional pelos compatriotas de Mussolini. Depois do seu regresso da América, Primo Carnera disputou na sua pátria um encontro com o veterano espanhol Paulino Uzcudun, pugna esta de pouco valor desportivo e que deve ser considerada como um pretexto anódino para apresentação do gigante ao público italiano.

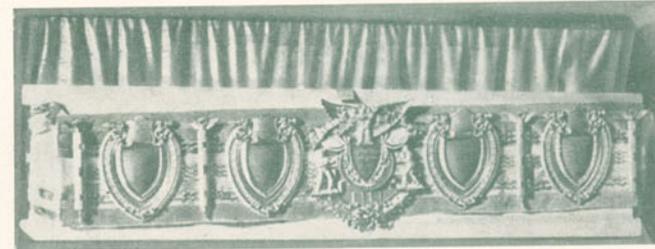
Mais de 50.000 pessoas acorreram à Praça de Sienna, no parque Borghese, de Roma, onde se realizou o encontro, ascendendo a receita bruta a mais de milhão e meio de liras. Paulino cobrou uma bolsa de dez por cento sobre esta quantia, o que representa uma soma superior a trezentos contos.

Como o espectáculo era de beneficência, revertendo o lucro para obras nacionais de assistência, parece que Carnera desistiu da sua bolsa em favor dos seus compatriotas necessitados.

Na tribuna das autoridades encontravam-se Mussolini e seus filhos, vários ministros, o secretário geral e as mais elevadas figuras do partido fascista.

Ao apresentar-se no "ring" para combater, o pugilista italiano ostentava o célebre cinturão de ouro maciço e pedrarias que a empresa do Madison Square Garden, de Nova York, oferece como prémio e recordação do seu triunfo, aos sucessivos detentores do título máximo.

Contra a expectativa geral, Carnera não conseguiu abater Uzcudun, batendo-o



O cinturão, de ouro maciço e pedras preciosas, que o «Madison Square Garden» ofereceu a Carnera, e que éste segurou em 100.000 liras

apenas aos pontos; os jornais espanhóis deixam entrever nos seus comentários a existência de prévias tentativas de subórno para que o basco se deixasse rapidamente tomar, as quais teriam resultado inúteis.

Registêmos, por fim que Carnera mede 2,03, 121 quilos e têm 36 cm. de braço, enquanto Paulino apenas possui respectivamente, 1,78, 92 qu. 600, e 35 cm.

O Congresso dos Clubs Desportivos, cujos trabalhos estão actualmente decorrendo e cuja organização pertence à iniciativa de "Os Sports", representa um dos acontecimentos de maior vulto da vida desportiva portuguesa em 1933.

Pela primeira vez se reuniram todas, ou quasi todas as agremiações que no país dedicam a sua actividade à causa da educação física e do desporto, discutindo os seus interesses, expondo os seus direitos, estudando as possibilidades da sua acção no problema nacional.

Apreciadas durante a semana as várias téses apresentadas, que no conjunto abrangeram e analisaram todos os pontos interessantes da situação e do problema desportivos, realizar-se-á depois de amanhã uma grande paráda que acompanhará até ao Terreiro do Paço os delegados do Congresso encarregados de entregar ao sr. Presidente do Ministério os votos e conclusões finais apuradas pelos representantes das 186 colectividades aderentes.

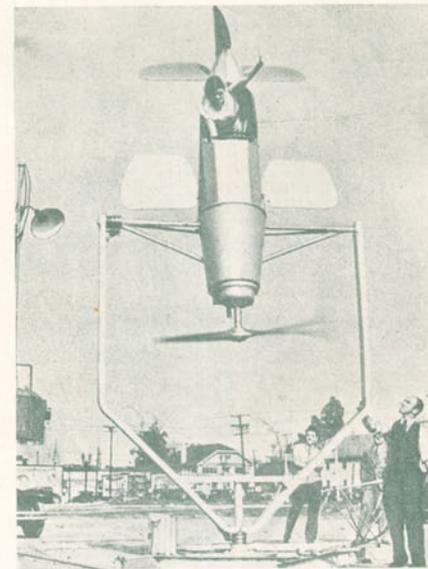
Oxalá os clubes saibam compreender a própria conveniência, incorporando-se no cortejo com uma representação que em numero, corresponda ao seu valor relativo, de forma a apresentar aos dirigentes da nação uma

massa popular equivalente ao numero de portugueses interessados pelo desenvolvimento do desporto lusitano e crentes da importancia da sua missão regeneradora da raça, da mentalidade, dos costumes nacionais.

Ilustração referir-se-á no seu próximo número mais largamente a este acontecimento, não querendo referir os factos passados sem a conclusão natural da grande manifestação pública de domingo.

Entre os votos apresentados ao Presidente do Conselho figuram o desejo de auxilio oficial do Estado às colectividades devidamente organizadas, de construção e melhoramento dos campos desportivos, da edificação de um Estádio nacional em Lisboa e da reorganização da educação física em moldes úteis para as necessidades do povo português.

Salazar Carreira.



Um aparelho que permite o treino de acrobacia aérea sem risco

VIDA ELEGANTE

O baile do Automóvel Club

É amanhã á noite que se realiza nos salões do «Automovel Club de Portugal» ao Calhariz um grandioso baile, levado a efeito por iniciativa da direcção exclusivamente destinada aos socios, suas familias e convidados.

O baile será abrilhantado por uma das melhores orquestras «jazz-band» que se fará ouvir em um repertorio de musicas modernas.

Pela hora e meia, será servido no salão especial, uma «ceia», fornecida pela acreditada pastelaria «Benard», o que será garantia de bom serviço. Pelos numerosos convites distribuidos pelas principais familias da nossa primeira sociedade, tudo nos leva a crer que a noite de amanhã nos salões de «Automovel Club de Portugal», vai decerto ficar gravada a letras de ouro nos anais mundanos.

Festas de caridade

«A FESTA DA NEVE»

Organizada par uma comissão de senhoras da colonia espanhola, em Lisboa, deve realizar-se entre o N.ºtal e Ano Bom, uma interessante festa de caridade, a que foi dado o nome de «Festa da Neve», cujo producto se destina a favor da beneficência espanhola.

Pelo interesse que esta festa está despertando não só entre a colonia espanhola, como também entre a nossa primeira sociedade é de prever um grandioso exito, não só artistico e mundano, como financeiro.

Casamentos

Realisou-se na parochial de S. Mamede, com grande brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Maria de Castelo Pereira de Lucena Alves do Rio, filha da sr.ª D. Maria Louíse Gilard de Lucena Alves do Rio e do ganadero sr. José Martinho Alves do Rio, já falecidos, com o sr. dr. João Luiz da Veiga, filho da sr.ª D. Constança da Veiga e do pintor Simão Luiz da Veiga.

Fôram madrinhas as sr.ª D. Margarida Pereira de Lucena Alves do Rio, irmã da noiva e D. Maria Herminia Veiga Teixeira, irmã do noivo e padrinhos os srs. Fernando Pereira de Lucena Alves do Rio, irmão da noiva e António Teixeira, cunhado do noivo.

Celebrou o acto religioso, o coadjutor da freguezia reverendo Artur dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na residência dos irmãos da noiva, à rua Braancamp, um finissimo lanche da pastelaria «Versailles» seguindo os noivos depois para as propriedades do noivo em Pedrogão, onde fôram passar a lua de mel.

— Realisou-se na parochial

de S. Mamede, o casamento da sr.ª D. Judite Eugenia Valdês Nogueira filha da sr.ª D. Raquel Valdês Nogueira e do sr. Anibal do Couto Nogueira, com o alferes sr. José Augusto Junqueiro Gonçalves de Freitas, filho da sr.ª D. Julia Ester da Mota Junqueiro Gonçalves de Freitas e do major sr. José Augusto Gonçalves de Freitas, já falecidos.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Alda Bandeira de Lima e de padrinhos o pai da noiva e o sr. coronel Carlos Bandeira de Lima.

Celebrou o acto religioso, o prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Em capela armada na residência da sr.ª D. Maria Gomes, realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria Helena Marques, filha da sr.ª D. Georgina Rodrigues Marques e do sr. Manuel José Gomes Marques, com o sr. Heitor Rebelo Calais Grilo, filho da sr.ª D. Maria do Rosário Calais Grilo e do sr. Alfredo Ramos Calais Grilo.

Foram madrinhas as sr.ªs D. Laura Gomes de Faria e D. Julieta da Silva Neves e padrinhos os srs. Ivo Rangel Maia e José Neves.

Celebrou o acto o reverendo Angelo Firmino, o prior de Almada, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido no



Os noivos — sr.ª D. Judite Eugenia Valdês Nogueira e o alferes sr. José Augusto Junqueiro Gonçalves — depois do seu casamento, saindo da parochial de S. Mamede

salão de meza da residência, um lanche, seguindo os noivos depois para Madrid, onde foram passar a lua de mel.

— Na Ribeira de Santarem, realisou-se na parochial de Santa Iria, o casamento da sr.ª D. Maria Rita Canavarró de Sousa e Meneses Cordeiro, filha da sr.ª D. Isabel Canavarró de Spusa Meneses Cordeiro e do sr. José Cordeiro, com o sr. José Duarte Gerales d'Avila, filho da sr.ª D. Francisca Almeida Peixoto Gerales Lobo d'Avila e do sr. Francisco de Paula Brito Lobo d'Avila tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Foi celebrante monsenhor Sabino Pereira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, tendo presidido ao acto o reverendo cônego dr. José Garcez.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um lanche, partindo os noivos depois para a Quinta do Gualdim, propriedade dos tios do noivo, perto de Santarem, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para o norte, onde fixam residencia.

Baptizados

Na parochial do Coração de Jesus, a Santa Marta, realisou-se o baptisado do menino Pedro Jaime Luís António, filhinho da sr.ª D. Roxane de Serpa Pinto de Lencastre Freitas, e do sr. Luiz de Lencastre Freitas, tendo servido de madrinha sua tia materna a sr.ª Eunice Correia da Costa de Serpa Pinto, que se fez representar pela tia paterna sr.ª D. Isabel de Lencastre Freitas, que se fez representar pelo sr. D. António de Lencastre (Louzã).



Casamento da sr.ª D. Maria do Castelo Pereira Lucena Alves do Rio com o sr. dr. João Luiz da Veiga

D. Nuno.

A gente de hoje deve tóda sofrer de fígado. O pessimismo invadiu o mundo, e, as negras nuvens que se acumulam no horizonte da política internacional, contribuem certamente para a má disposição que se nota na maioria.

Não é só em Portugal que se nota essa atitude da multidão. Entre nós e sobretudo em Lisboa o aspecto da gente que circula nas ruas, foi sempre tristonho e mal humorado.

Os portugueses têm todos a mania da atitude e se não têm o ar "dignified", dos ingleses, têm um ar altivo forçado, que contrasta com o verdadeiro natural, que é o ser comunicativo próprio de todos os povos meridionais. A esforçar-se por ter um ar superior dá-lhe um aspecto aborrecido, que nos faz parecer, que todos os que por nós passam estão zangados. As senhoras têm o aspecto quasi agressivo e a única explicação que a isso encontro, é o de ter tido quasi que lutar para poderem andar sós nas ruas da capital.

São perseguidas e incomodadas eram pela mal compreendida galanteria do homem. Não ha uma senhora que ouse andar na rua com um ar sorridente e alegre com receio que a tomem por uma pessoa pouco séria. Isto junto aos aborrecimentos e contrariedades que todos têm, dão á nossa multidão um aspecto pouco agradável e mesmo agressivo e no fim de contas a maioria são excelentes pessoas, muito mais capazes de sair do seu caminho para auxiliar o próximo, do que e são, por exemplo as alegres raparigas inglesas, que iluminam com os seus lindos sorrisos as ruas de Londres.

Mas como já disse não é só entre nós que se nota o aspecto macabuzio e triste, das massas, nas ruas. Clément Vautel num interessante artigo no "Journal", faz notar a mesma coisa, referindo-se á multidão parisiense.

"Já se não ri. Eu gostava de saber porque está tóda a gente triste? Qual gente? Mas tóda a que eu encontro. Todos andam na rua, de cabeça baixa e cara desolada. Se entramos num café, vemos que tomam as suas bebidas, como uma poção amarga, necessária á sua abalada saúde. Falam a um amigo? Sómente de negócios, que vão mal. O que é que lhes falta? O que querem. As vezes tenho vontade de lhes pegar num braço e dizer:

"Senhor, ria-se, deve rir-se, primeiro por si, porque o riso é são e higienico e depois pelos outros, porque a alegria é contagiosa e todos precisamos dela. Mas pensariam que estou louco. Rir, mas já se não ri. A França já não sabe rir. Existe ainda por algum canto um dêsse homens cheios de alegria que conheci ás centenas? Mas indiquem-mo. Irei ter com êle á sua casa.

E quando chover não reclamaremos bom tempo, não gerneremos com o calor no verão, e com o frio no inverno. Ao ler o jornal encontraremos uma noticia, que não seja um motivo de desespero e nos dias de descanso abriremos uma garrafa de bom vinho e leremos um bom livro. Mas um livro antigo, claro está. Os jovens escritores foram também conquistados pelo pessimismo contemporaneo e quanto maior é o seu talento, menos estão dispostos a imaginar gente contente de viver. As suas narrativas comecam com um capítulo lúgubre e terminam com um capítulo fúnebre. Digam me já não existem no mundo pessoas felizes e não seria possível inventá-las?..

Estas palavras do grande humorista francês descrevem bem o estado geral da humanidade.

VIDA FEMININA



A alegria tem de ser cultivada, em de ser ensinada e todos devem fazer a guerra á tristeza. Ensinar ás crianças a serem alegres, não admitir que se lhes contem hisórias tristes, rodea-las de cores alegres e todos nós combatermos a negra e vil tristeza. Acabar com as conversas trágicas. Em Portugal ha a mania de fazer estender as desgraças, de descrever doenças horríveis nos seus minimos pormenores, contar desgraças com o prazer de quem saboreia um petisco. As nuvens que nos ameaçam são negras, não se sabe o que será o futuro? Pois bem mais alegria nos é preciso para suportarmos o que possa vir. As desgraças vencem-se de sorrisos nos lábios e cabeça erguida e não de cabeça baixa num derrotismo de esmorecer os que nos rodeiam, cultiveimos a alegria sem pensar no que pode vir a acontecer de mau; se as coisas terribeis com que nos ameaçam chegarem, a alegria com que teremos vivido fortalecer-nos-á, para as suportarmos, e se não chegarem a realizar-se para que vivermos desde já numa tristêza colectiva? A alegria é a saúde da alma e ajuda muito á do corpo, por isso procuremos distrações, mas não espectáculos trágicos, mas

sim aqueles que pela sua alegria nos dispõem bem e cultivemos o riso, que torna tóda a gente simpática.

Maria de Eça.

A moda

É linda a moda êste inverno. Ha muitos anos que se não apresentavam á nossa escolha modelos de tão completa elegância e que tanto favoreçam a mulher. O corte moderno modela o corpo fazendo brilhar um corpo gentil e dando de novo á mulher o aspecto feminino, que tado a faz brilhar. Damos hoje alguns modelos que são de uma grande elegância. Para a tarde, visitas ou chá, um elegante vestido em veludo verde garrafa, guarnecido a «zibeline».

A tira de pele sobre a aba da «jaquette» caindo em bico muito acentuado adiante e atrás, faz pelo contraste do seu volume, valer a delicadeza da cinta e de busto, moldadas pelo veludo. Êste modelo de Maggy Rouff é simplesmente adorável e completado por um gracioso chapelinho em veludo guarnecido a penas tem um cunho de distinção e «chic» que o fazem delicioso.

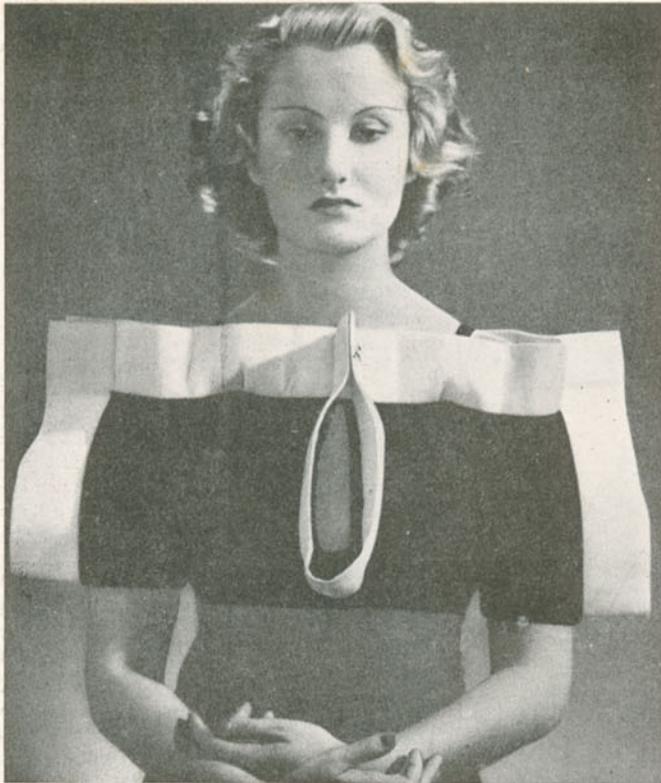
Para as saídas de manhã e para compras, temos um amplo e confortável casaco em lâ «grege», guarnecido a lonra sem ser «rasé» cinzento escuro. A guarnição é na gola e nos punhos. A forma «cloche» é apertada na cintura, por um largo cinto de couro. A gola estreita sobre os hombros, alarga nas costas, pregueando ligeiramente. O chapéu em feltro é de máxima simplicidade e basta saber-se que é uma criação de Augusta Bernard, para termos a certeza que tem a elegância e a graça que se exige neste genero de «toilettes» simples. Como casaco de desporto temos um «trois quarts» o triunfo da estação, em astrakan natural, cujo tom vai do cinzento ao castanho, do «empicemente» redondo sai alguma roda e a gola é substituída por uma gravata que se ata. É duma grande beleza

e muito comodo. Os casacos compridos, são excessivamente pesados, e os «trois quarts» têm a vantagem de agasalhar, sem se tornar incomodos. Para a noite temos dois elegantissimos modelos para a grande «toilette». Um dêles em setim brilhante «prune» (nota-se êste ano o regresso ao setim brilhante, para os vestidos de noite). Muito subido adiante é decotado nas costas guarnecendo o decote umas «épaulettes» guarnecidas a «soutache» do mesmo tom «prune». Ao lado um elegantissimo vestido em mousseline de seda preta guarnecido a setim cor de rosa e tendo atrás na saia um elegantissimo «drapé» em setim preto.

Estes vestidos de Jean Patou o grande costureiro de Paris, que soube fazer da sua casa um centro de elegâncias, estão indicados como modelos, para as senhoras que vestem bem e que gostam de usar vestidos com a marca de grande «chic» e alta novidade.

As jóias

As jóias mudam com as épocas e só voltam a ser apreciadas quando séculos lhes passaram por cima. As jóias de há vinte anos são intoleráveis para aqueles que não apreciam só o tamanho dos brilhantes e o valor intrínseco das coisas. Enquanto que as jóias de há séculos nos deixam encantadas. Mas a verdadeira novidade e o verdadeiro interêsse são as jóias modernas, que muito originais são. Damos hoje a gravura duma riquíssima e elegante pulseira, dum desenho pesado mas modernissimo, desenhada por Boivin, pertence á princesa de Faucigny Lucinge.



Feita em platina suntuosamente cravejada de brilhantes num estilo um tanto oriental é no entanto, bem da nossa época. É preciso notar a maneira como o bracelete fecha, que é verdadeiramente original e moderna. Parece uma jóia bisantina e liga muito com a originalidade das «toilettes» modernas. Como modêlo de fantasia moderna, nada podem desejar de melhor, as nossas leitoras.

Instituições religiosas históricas

A instituição da cerimônia das cinzas, data do concílio de Benevento de 1091. Quiz-se pôr fim às desordens da juventude, no período das festas carnavalescas, que desde o ano 300, se tinham tornado vulgares e licenciosas. Por muitos séculos os grandes senhores divertiram-se de tôdas as maneiras. Filipe, o belo, especialmente, adorava as mascaradas e foi no seu reinado, que a máscara vinda de Itália, se popularizou. A criação de quarta-feira de Cinzas não bastava para refrear a alegria popular e o cardeal de Santa Agata, em 1404, proibiu as serenatas burlêscas aos eclesiásticos. Carlos VI que do meio duma destas farças se arriscou a ser queimado vivo, tinha posto em voga os bailes de máscaras de terça-feira gorda. Em 1444, uma interdição formal da Faculdade de Teologia proibia as loucuras de terça-feira gorda. O poeta Marcial d'Auvergne, publicou um livro, «As ordenanças do amor» contra as desordens da gente mascarada. Em 1575 Henrique III, mascarado de veneziano, percorria as ruas de Paris com os seus pagens, escaceteando os transeuntes e fazendo-lhes armadilhas para êles caírem. Henrique IV dirigiu num carnaval uma mascarada de bruxos. Luis XIII não queria saber destas loucuras, mas no reinado de Luis XIV o carnaval era alegremente celebrado na cõrte e entre o povo. O ponto de reunião das máscaras era o bairro de Santo António. Á multidão dos mascarados, dos curiosos, das músicas e dos vendedores, misturavam-se as jóvens elegantes, com as suas

«Celimenas». Encontravam-se os personagens de Moliere, deuses, semi-deuses, pastores e pastorinhas. No capítulo 31 dos seus «Jugements». La Bryère fala-nos da moda dos retratos de cêra. Nos bailes de máscaras punham-se na cara estas máscaras que se pareciam com as pessoas, que as usavam. No dia de terça-feira gorda, graças à máscara, nobreza, burguesia e povo juntavam-se divertindo-se loucamente. É assim até ao fim da revolução que suprimiu o Carnaval. É quarta-feira de Cinzas, ainda hoje não basta para mortificar os pecadores que exorbitam no carnaval.

Higiene e beleza

SEMPRE foi considerado um sintoma de beleza, o possuir

pestanas e sobrançelas bonitas, abundantes e velando o olhar. Mas então, depois que as artistas de cinema levaram ao extremo, o cuidado das pestanas e o alinhamento das sobrançelas, tôdas as senhoras se preocupam em cuidar e alindar, as pestanas e sobrançelas. As pestanas são em geral mais compridas e abundantes na pálpebra superior e devem ser graciosamente curvas em ambas as pálpebras para darem graça e encanto ao olhar. Para provocar o seu crescimento e mantê-las em bom estado, é excelente o uso da seguinte pomada: vaselina 5 gramas, precipitado amarello 0,05, de grama. A's vezes sobrem uma queda de pestanas e sobrançelas. A causa é em geral, a seborreia ou a eczema. Deve fazer-se um immediato tratamento para evitar que caiam por completo. Para as senhoras que têm as pestanas muito a direito, há agora um pequeno aparelho para as frizar que dá ótimo resultado quando bem aplicado.

Um colar célebre

«LE SOIR» recebeu a notícia de Nova York que a polícia americana, iniciou investigações a propósito do desaparecimento dum colar de diamantes, histórico, do valor de 400.000 dolares. Esta joia propriedade da arquiduqueza de Austria. Maria Teresa, tinha sido na origem oferecido por Napoleão à imperatriz Maria Luísa, sua mulher. A arquiduqueza confiou o colar há já algum tempo, a um coronel inglês adido aos serviços secretos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, com o encargo de o vender na América. A arquiduqueza, não tendo recebido mais notícias do coronel, enviou uma sua amiga, tomar informações em Nova York. Ela soube que o coronel era efetivamente adido ao serviço secreto britânico, mas que nada se sabia d'êlo. O chefe da polícia convidou o arquiduque Leopoldo de Austria, a apresentar-se-lhe, o arquiduque que reside em Nova York prestou tôdas as declarações, e deu informações sobre êste negócio. A última hora soube-se que o colar da

arquiduqueza Maria Teresa, foi encontrado em casa dum joalheiro daquela cidade, que declarou tê-lo comprado intacto. Tendo-se recusado a dizer o nome do vendedor e o preço porque o comprou deve responder nos tribunais.

Receitas de cozinha

Lombo de vaca recheado: — Escolher um bom pedaço de lombo. Lavá-lo e limpá-lo. Mergulhá-lo em água a ferver e retirar imediatamente. Cortar em fatias finas que dum lado devem ficar juntas, como as folhas dum livro. Separadamente fazer um picado, com toucinho gordo picado, fígados de ave, um pouco de carne de galinha ou à falta dela com bocados que fiquem de limpar a carne, cozidas, como para fazer um caldo, e uma cebola muito bem picada, sal, pimenta e noz muscada, pôr entre cada fatia da carne, uma delgada camada de picado, tornar a formôr o pedaço do lombo, envolver em banha de porco e depois num papel amanteigado atar e pôr a assar no forno, à falta de brocha. Recolher o molho e aumentá-lo com um copo ou dois, segundo a porção de vinho da Madeira.

É um prato finíssimo e que varia muito a ementa, o que é sempre um auxilio para as donas de casa.

Mulher estranha

A Inglaterra foi em todos os tempos o país das mulheres, que se vestem de homem. Há dois séculos tornou-se célebre uma tal Maria Read, que com traje masculino cometeu com verdadeira audácia numerosos actos de pirataria. Desde a infância que sua mãe a tinha habituado a usar calções. Tendo-lhe morrido um filho mais velho, ela tinha por razões de herança resolvido fazer passar a pequena que lhe restava pelo filho desaparecido. Assim Maria Read começou de pequena, a vestir de rapaz. Aos



De mulher para mulher

Julietta: É sempre elegante oferecer um chá e sem dúvida mais prático do que um jantar, que exige um mais apurado serviço, e, é mais trabalhoso. A maneira de o servir depende de si, das suas creadas e do seu género de chá que quer dar. Se quer dar um aspecto íntimo, serve-o na sala tendo-o já preparado em pequenas mesas, se quer dar um grande chá, sirva-o na casa de jantar.

Graciosa: O veludo verde está bastante em moda, mas o veludo preto é sempre o mais elegante e distinto. O chapéu em veludo preto, os sapatos em pelica e polimento.

Violeta: Mas naturalmente, que não só pode, mas deve ler, «A cidade e as Serras». Leia também «A Ilustre Casa de Ramires. O estilo de Eça de Queiroz é o mais brilhante e cintilante em português.

Joaninha: Para viagem deve fazer um elegante vestido um «tweed» e um casaco «trois quarts» no mesmo, usam-se muito os chapéus em camurça, que são muito graciosos. Claro que deve dar uma prenda, que deve ser de uso pessoal.

Rústica

Ser a moça mais linda do povoado,
Pisar, sempre contente, o mesmo brilho,
Ver descer sôbre o ninho aconchegado
A bênção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,
Cheirando a alfazema e a tomilho. .
— Com o luar matar a sêde ao gado,
Dar às pombas o sol num grão de milho . .

Ser pura como a água da cisterna,
Ter confiança numa vida eterna
Quando descer à «terra da verdade» . .

Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!
Dou por elas meu trono de princesa,
E todos os meus reinos de Ansiedade.

FLORBELA ESPANCA.

(Do livro postumo «Charneca em flor»).

Inquérito

«**L**A Petit Gironde» fez um inquérito entre as senhoras, para saber se é melhor ser bela ou pensar, que se é. M.^{me} Aurel respondeu muito bem com uma fina psicologia de raça. «A beleza é a satisfação amorosa, que nos dá o homem que nos diz as palavras que esperamos. Então sentimo-nos belas, ainda que a natureza tenha sido avarenta dos seus dons». Charlotte Chabrier com muita penetração escreve: «Na realidade as mulheres mãos felizes são as feias, porque casam com homens pouco sensíveis à beleza e correm menos risco de ser enganadas». O escritor Rouville dá com franqueza a sua opinião de homem: «Uma mulher é bela, quando agrada e



treze anos obrigada a ganhar a sua vida, não teve outra preocupação, que não fosse o achar uma situação e com o nome de John Read entrou para o serviço dum «lord» como creado. Mas a vida aventureira atraía-a, e, ela aproveitando da facilidade com que se fazia passar por homem, alistou-se como marinheiro num navio de guerra. Terminado o período de serviço, entrou como cadete num regimento de infantaria, que se batia nas Flandres e comportou-se com autêntica coragem. Mas durante essa campanha, o amor por um garboso soldado induziu-a a voltar a ser mulher e acabado o seu serviço a casar.

Se o marido não tivesse morrido, poucos anos depois; provavelmente Maria Read não teria atingido a sua triste celebridade. Ficando viúva ela encontrou-se com poucos meios. Os negócios dum hotelito que tinha aberto corriam muito mal, a miséria ameaçava-a. E então cortou de novo os cabelos, retomou o traje masculino e embarcou num navio da Companhia Inglesa das Índias. O navio foi assaltado por uma galera de piratas, que tinha o irónico nome de «Providencia». A equipagem e os passageiros foram capturados. Aos marinheiros, os piratas, propuseram um dilema: arrolar-se sob a sua bandeira negra, ou serem afogados. Maria Read preferiu lançar-se em plena aventura. E tornou-se pirata. As suas empresas foram numerosas e árduas, em tôdas, ela demonstrou uma coragem igual à do mais consumado lobo do mar. E a vida de aventuras continuou, até que uma noite a «Providencia» caiu debaixo do fogo dos canhões dum navio de guerra, um «brick» e debaixo do terrível fogo, Maria Read morreu. Estranha vida e extranho fim para uma mulher.

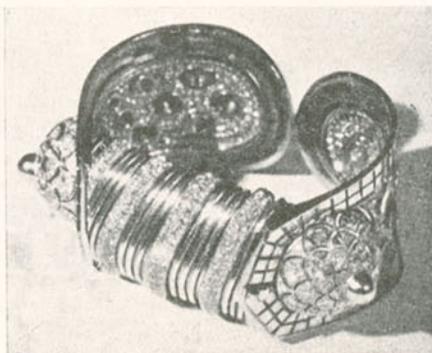


mesmo a que o não seja pode persuadir-se que o é, nestas condições». A artista Ivonne Sarev respondeu: «Que importa a verdadeira beleza? O homem enamorado adorna-nos de todas as perfeições, que não temos e encontra encantos nos próprios defeitos, do rosto que lhe agrada. Julgar-se bela? Só se é no momento, em que um ser que nos ama e que vós amais, pronuncia as palavras sedutoras: És bela».

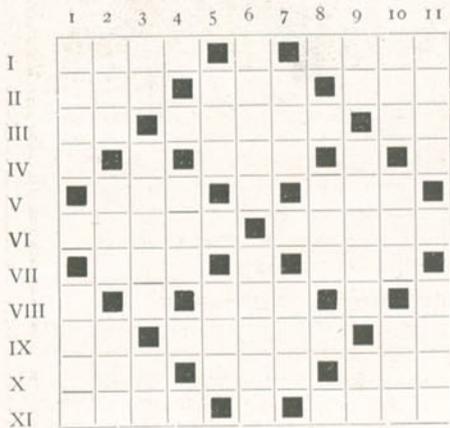
Hotéis para animais

ESTE verão foi anunciado, que o hotel dos gatos, em Londres, não tinha mais lugares. O anúncio foi feito pelo presidente da «Sociedade dos novos amigos mudos», que dirige em Londres os dois hotéis. O «Ritz» e o «Grosvenor», destinados a hospedar os gatos, quando os donos partem em viagem. No hotel «Grosvenor» ainda que os hóspedes tenham as suas gaiolas especiais, as refeições são tomadas em comum, às 9 da manhã, às 13 e às 18.

Depois da terceira refeição, todos os hóspedes são fechados nas respectivas gaiolas. Apesar do anúncio da direcção, as telefonadas eram continuas, pedindo para receber outros clientes. No hotel dos cães, há sempre lugar. Explica-se o facto por terem os donos automóvel e levá-los em viagem. Mas quem sabe se o gato não será um companheiro de viagem mui agradável. Um agente da «Sociedade» diz que será melhor deixar os gatos em casa, tratados por alguém, que lhes dê de comer, do que pô-los no hotel, porque os gatos são essencialmente animais domésticos, o que faz com que muitas vezes, quando os mandam para o hotel, entristeçam e recusem a comida, chegando alguns a adoecer, atacados de nostalgia.



PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

I — Roedor — Engenho para tirar água. II — Genro de Mahomet — Doença — Afirmativa. III — Pedra redonda — Osso da face — medida itineraria chinesa. IV — Zombar. V — Altar — Igual. VI — Metal — Nome próprio feminino. VII — Tumor nas bestas — Frente. VIII — Possuir. IX — Forma antiga do artigo — Espécie de leme indiano — Está perto. X — Examinar — Variação de pronome — Astro. XI — Feito de bronze — Pasta de uma obra.

Verticais:

1 — Festão — Sorvete. 2 — Para barlavento — Tira de metal — Estudar. 3 — Variação de pronome — Flôr — Culpada. 4 — Prende 5 — Grande quantidade — Energia. 6 — Venturoso — Sequência. 7 — Casa de habitação — Órgão corporal. 8 — Madeira. 9 — Artigo — Tolo — Desacompanhado. 10 — Sinal gráfico — Braço de rio — Preposição. 11 — Chefe de tribu árabe — Pouco espesso.

BRIDGE

(Problema)

Espadas — 7, 5, 3.
Copas — 10.
Ouros — V.
Paus — A, V, 9.

Espadas — D, V, 9. **N** Espadas. — — —
Copas — R, D. **O E** Copas. — A.
Ouros — 5, 4. **S** Ouros. — 8, 6, 3.
Paus. — R. Paus. — 10, 7, 6, 5.

Espadas. — R, 6, 4, 2.
Copas. — — — —
Ouros. — R, D, 10, 2.
Paus. — — — —

Trunfo é ouros. S joga e faz 7 vasas.

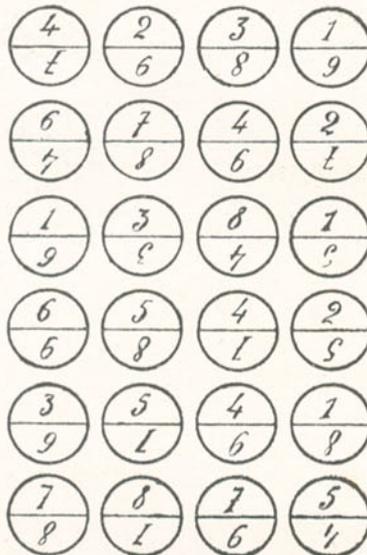
(Solução do número anterior)

- 1.^a vasa: N pega com o ás de copas.
 - 2.^a vasa: N torna a jogar copas e S corta com a dama de espadas.
 - 3.^a vasa: S joga o 10 de espadas que apanha com o valete de N.
 - 4.^a vasa: N torna a jogar copas e S corta com o rei de espadas.
 - 5.^a vasa: S joga o 7 de espadas, que apanha com o 8 de N.
 - 6.^a vasa: N torna a jogar copas e S corta com o ás de espadas.
 - 7.^a vasa: S joga o 4 de espadas, que apanha com o 5 de N.
 - 8.^a vasa: N joga o 3 de espadas e E vê-se forçado a uma balda fatal, porque é obrigado a ficar só com 2 cartas de um dos dois naipes, ouros ou paus, S balda-se ao naipe de que E fica com 3 cartas N joga o naipe de que E tem duas cartas.
- S entra, repete o naipe para dar a mão a E e faz depois duas vasas.



OS TENTOS

(Problema)



Aqui está um certo número de tentos. Cada tento está dividido em duas partes iguais. Em cada uma dessas partes está um número.

Querem experimentar colocá-los numa certa ordem, de modo que o segundo tento tape um algarismo do primeiro, o terceiro um algarismo do segundo e assim por diante, de tal maneira que o total dos algarismos que fiquem à vista seja 99?

PROBLEMA DE XADREZ

(Solução)

Branças

Pretas

1. B 3 B D
2. C 5 R
3. D dá o mate.

Podem jogar o que quiserem.

O espírito inglês

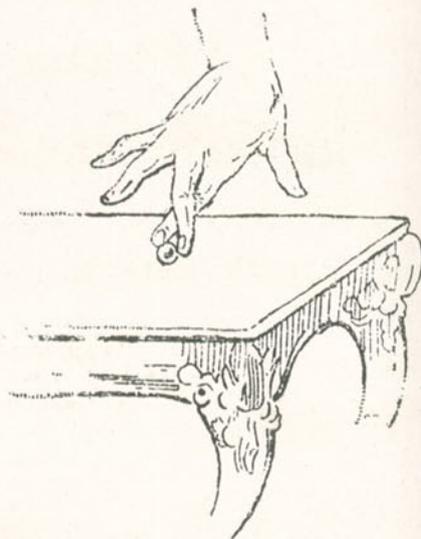


PRETENDENTE PERSEVERANTE: — Querida Irène, queira aceitar-me para marido, peço-lho! Por esta vez, ao menos...

(Do «Punch»).

EXPERIENCIA DE ARISTOTELES

(Recreação científica)



Se se cruzam, um em cima do outro, os dedos indicador e maior da mão direita, e dêste modo dispostos se colocam as suas pontas sobre qualquer corpo redondo, como uma pequena esfera de vidro ou de marfim ou mesmo qualquer bolinha de pão ou de papel, no fim de uns momentos de faze-la girar sem olhar para ela, é completa a ilusão de que se estão fazendo rodar duas bolas.

Este erro do sentido do tacto deve-se a que, na posição normal não pode tocar estes dois dedos no mesmo tempo uma superfície plana, mas sim que hão de ser dois objectos ou superfícies convexas.

Ao verificar a experiência descrita fazemos logo abstracção da posição, que demos aos dedos, posição que lhes permite estar em contacto simultâneo com as duas paredes de um mesmo corpo, e daí nasce a sensação de que são dois objectos os que estão em contacto com os dedos.

A SOMA ERRADA

(Solução)



1, 1 1 1

ANEDOTAS

- A Izabel é muito ciumenta do marido, pois não é?
- Ciumenta?! Não o pode ser mais. Imagina tu que, durante a lua de mel, nem consentia que ele admirasse... a natureza!

No confessorio:

- Um penitente ajoelha aos pés do confessor, e depois de se persignar e de rezar a confissão, pergunta-lhe o padre:
- Vem com fé e contrito?
- Não, sr. padre, venho sózinho.

Acaba de sair

A 6.^a EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da
terra portuguesa, escrito com mais
linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de **AQUILINO RIBEIRO**

Autor consagrado, de mérito incontável, a aparição dum novo livro de **Aquilino Ribeiro** é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de **Aquilino Ribeiro**, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . Esc. 12\$00
Encadernado . Esc. 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de GUIDO DA VERONA

Deste conhecido e apreciado escritor italiano vai brevemente a

LIVRARIA BERTRAND

iniciar a publicação dos seus romances.

O PRIMEIRO A SAÍR É:

Mimi Bluette, flor do meu jardim

A SEGUIR:

**A vida começa amanhã — Solta as
tranças Maria Madalena e outros**

Os livros de **GUIDO DA VERONA**, cheios de emoção, interesse e realismo, e que teem alcançado o maior sucesso em todos os países onde teem sido traduzidos, serão apresentados em português em magníficas traduções e com capas a côres.

Dirigir desde já pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE
POR
AQUILINO RIBEIRO

1 vol de 308 págs., brochado . . . **12\$00**
 Encadernado **17\$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. **10\$00**
 Enc. **15\$00**

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMESTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMESTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COURO E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SO RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas. — Passatempo e Enciclopédia
de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

*«TOLEDO é um livro que se
lé de-pressa e se relê de-vagar.»*

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 15\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 4.^a EDIÇÃO

Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado . . . 12\$00
Encadernado 17\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUSA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cônegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Míddes. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Viseu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosissimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*. 1 vol.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos bilhões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Um grande sucesso de livraria

O NOTÁVEL LIVRO
do major-aviador Von Helders
Oficial do exército alemão

A DESTRUÇÃO DE PARIS EM 1936

Versão de ALVARO DE ANDRADE e MANUEL LUIZ RODRIGUES

**Formidável trabalho de imaginação
prevendo uma futura guerra aérea**

Esta obra, verdadeiramente extraordinária, de empolgante deli-
neação e atraente leitura, já traduzida em vários países, pro-
vocou tanto na Alemanha, como na França e Itália a maior
sensação e os mais apaixonados comentários.

O público melhor poderá apreciar do seu valor e da sua oportu-
nidade, neste grave momento da política internacional, medi-
tando nas palavras que se seguem as quais, assinadas por uma
alta individualidade militar francesa nos dão o mais completo
significado político e militar do famoso livro:

A destruição de Paris em 1936

“Para melhor compreender a obra do major-aviador alemão Von Helders é necessário que o leitor faça determinadas transposições. É preciso corrigir – como na aviação – a bússola: em vez da agulha apontar a linha Norte-Leste, deve apontar a de Norte-Oeste; em vez da palavra INGLATERRA leia, em todo o texto, a palavra ALEMANHA”.

1 vol. broc., com uma artística capa a cores, **esc. 10\$00**

Pelo correio, à cobrança, **esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA